

SHERRILYN
KENYON
o caçador de sonhos

Tradução de Eduardo Fernandes

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Prólogo

SANTORINI, GRÉCIA, 1990

COMPLETAMENTE imóvel, Megeara Saatsakis contemplava a água do cimo da escarpa, uma água de um azul tão perfeito que era quase doloroso fitar. O ar era perfumado pelo sal, pelo azeite dos mercadores ambulantes e pela intensa luz do Sol, reproduzindo o aroma único na região. O sol quente acariciava-lhe a pele bronzeada, enquanto a forte brisa lhe açoitava o vestido branco contra o corpo. Os navios deslizavam pelas ondas de uma maneira quase surreal, fazendo-a pensar nos tempos da sua infância, quando caminhava com o pai e a mãe por aqueles rochedos e praias, absorvendo o que significava ser grego.

Era um dos cenários mais belos do mundo, e qualquer outra pessoa de vinte e quatro anos adoraria estar ali.

Só queria poder ser essa pessoa.

Pelo contrário, odiava aquele lugar com um ardor quase irracional. Para ela, a Grécia significava morte e sofrimento, uma dor atroz, e preferiria ter mil anzóis cravados no corpo a ter de voltar a pisar aquele solo outra vez.

O comprido cabelo loiro que trazia recolhido num rabo-de-cavalo golpeava-lhe a pele, enquanto procurava apaziguar os seus pensamentos agitados. Mas era impossível encontrar paz.

No seu interior burilava uma fúria reprimida.

O pai de quem se afastara estava morto. Morrera tal como tinha vivido... em busca de um sonho estúpido e ousado, que não só acabara com a sua vida, como com a da sua mãe, irmão, tia e tio.

— *A Atlântida é real, Geary. Consigo senti-la em mim enquanto falo.*

Está no Egeu por baixo de nós, como uma joia perdida e cintilante à espera que a encontremos e mostremos ao mundo a beleza que em tempos protagonizou.

Ainda era capaz de ouvir a voz hipnótica do pai enquanto lhe segurava a mão sobre a água para que pudesse sentir a suavidade das ondas que lhe acariciavam a pequena palma. Ainda conseguia ver o seu rosto bonito e entusiasmado quando lhe explicou pela primeira vez porque passavam tanto tempo na Grécia.

— *Vamos encontrar a Atlântida e mostrar a maravilha a toda a gente. Fixa bem o que te digo, querida. Ela está ali e a nossa família foi escolhida para revelar a sua magia.*

Esse tinha sido o seu sonho louco. Um sonho que dedicara a vida a tentar transmitir à filha que, ao contrário do resto da família desvairada, se recusara a acreditar.

A Atlântida era um falso mito criado por Platão como metáfora para explicar o que acontecera quando o homem se voltou contra os deuses. Tal como o *Necronomicon* de Lovecraft, era apenas uma invenção fictícia em que as pessoas queriam acreditar, sacrificando tudo para a provar.

Agora o seu pai jazia num cemitério na ilha que tanto amava. Tinha morrido amargurado e arruinado, uma pálida imagem do homem que tinha enterrado o irmão, o filho, a esposa...

E para quê? Todos se tinham rido dele. Tinham-no ridicularizado. Acabara por perder o emprego, além do prestígio enquanto professor anos antes, e só conseguira publicar a sua investigação na imprensa sensacionalista.

Ora, até os editores dessa imprensa se riam dele, e vários tinham-no recusado, rejeitando o dinheiro dele para publicar o seu trabalho ridículo. E ainda assim, ele tinha dado voz ao seu desejo, dando às pessoas mais motivos para se rirem dele, coisa que faziam com vontade.

Mas Megeara tinha conseguido vê-lo uma última vez antes de falecer, e o homem não tinha morrido sozinho como temia. Quase por milagre, e contra o prognóstico do médico, o pai conseguira aguentar até ela embarcar num avião nos Estados Unidos e chegar ao hospital para o ver. Embora o encontro fosse breve, ela fizera os possíveis para que pudesse morrer tranquilo, sem se sentir culpado por tê-la trocado pela sua busca.

Se ao menos também tivesse conseguido encontrar um pouco dessa paz. Ainda não tinha conseguido esquecer e perdoar tudo o que se tinha passado. Por mais que o avô tentasse justificar os atos do pai, ela sabia a verdade. A única coisa que ele alguma vez tinha amado era o seu sonho, e por ele sacrificara a sua família inteira... — a família *dela*.

Agora, aos vinte e quatro anos, graças a ele, ela não tinha nem irmão nem pais.

Estava completamente só no mundo.

A promessa ao pai de que continuaria com o seu trabalho queimava-a por dentro. Fora um estranho e raro momento de fraqueza na sua vida. Mas vê-lo assim tão fragilizado, deitado numa fria cama de hospital enquanto se agarrava desesperadamente à vida, tinha-a destroçado, e embora mal se tivessem falado nos últimos oito anos, ela não tinha tido coragem para o magoar, quando tudo o que ele procurava era morrer em paz.

Megara franziu os lábios enquanto observava as ondas que se desfaziam nas praias brancas.

— Encontrar a Atlântida, o tanas. Não me vou desgraçar como tu, pai. Não sou assim tão estúpida.

— Dra. Kafieri?

Voltou-se ao som de uma voz com um forte sotaque grego, deparando-se com um homem baixo e rechonchudo nos seus cinquenta anos. Primo do pai, Cosmo Tsiaris era o advogado da família na Grécia. Espécie de parceiro na companhia de resgates do pai, também ajudava o pai na sua busca antediluviana, providenciando autorizações e apoio de investidores.

Embora conhecesse o Cosmo desde sempre, Megara assustou-se quando este a saudou. Kafieri era o nome do pai — um nome que ela tinha descartado há anos, depois de todas as suas candidaturas às universidades terem sido recusadas, apesar de reunir todos os requisitos de admissão. Nenhum departamento respeitável de Clássicas, História ou Antropologia aceitaria na sua equipa um Kafieri, por medo de manchar a reputação. Assim, começara a usar o sobrenome de solteira da mãe, para conservar a credibilidade e reputação.

Como o resto da sua família próxima, Geary Kafieri tinha morrido naquelas mesmas praias.

— Chamo-me Dra. Megara Saatsakis...

Um animado sorriso curvou os lábios do homem.

— Casou-se!

— Não — respondeu ela muito simplesmente, fazendo com que ele literalmente se esvaziasse diante dos seus olhos. — Alterei legalmente o meu nome há já oito anos, quando fui para os Estados Unidos e solicitei a emancipação do meu pai.

Percebia pela expressão no rosto de Cosmo que este não entendera o que ela lhe dissera, mas não importava. Sabia que com a sua mentalidade patriarcal, jamais o compreenderia.

Franzindo o sobrolho, Cosmo não teceu qualquer comentário às suas palavras e ofereceu-lhe uma pequena caixa.

— Prometi ao Eneas que, se algo lhe acontecesse, certificar-me-ia de que isto seria entregue à sua filha. Continua a ser a filha dele, certo?

— Sim — disse ela, ignorando o comentário sarcástico. Quem mais seria suficientemente parvo para reivindicar um tolo como seu pai?

Megeara arrepiou-se. Amava o pai. Mesmo sabendo que as suas buscas e sofrimento o tinham privado de tudo, inclusive da sanidade e da saúde, sempre o amara. Como podia não o fazer? Tinha sido um pai amável e carinhoso quando ela era criança. Só quando ela entrou na adolescência e começou a questionar a investigação e paixão pela descoberta, é que se começaram a afastar.

— *A Atlântida é uma grande treta, pai. Toda esta investigação o é. Não quero andar mais neste barco estúpido. Sou jovem e quero amigos. Quero ir à escola e ser normal. Estás a desperdiçar o teu tempo e a minha vida!*

Vivia o seu décimo quinto aniversário e o pai esbofeteou-a com tanta força que ela ainda conseguia sentir a dor aguda do gesto.

— *Não te atrevas a insultar a memória da tua mãe. Ou a do meu irmão. Eles deram a vida deles por isto.*

Seis meses mais tarde, também o irmão de Megeara perderia a vida pela investigação, quando o equipamento de mergulho se emaranhou e o tanque ficou sem oxigénio. Fora a gota de água. Ela não ia ser como Jason. Não ia abdicar da própria vida pelos sonhos de outra pessoa... nunca.

Por isso, que importava ter feito uma promessa ao pai? Ele estava morto. Nunca saberia que ela não a cumprira. Tinha morrido feliz e Megeara poderia finalmente deixar o passado para trás e viver a sua vida na América.

Como o avô, tencionava deixar aquele país e nunca mais lá voltar.

Cosmo entregou-lhe a singela caixa branca, e deixou-a a sós para a abrir.

Megeara fitou-a durante alguns minutos, apreensiva com o que poderia encontrar. Conteria algum objeto pessoal que a fizesse chorar? Sinceramente, não queria voltar a chorar por um homem que lhe tinha partido o coração vezes sem conta.

Mas a curiosidade acabou por vencer e Megeara abriu a caixa. A princípio, parecia ser apenas um pedaço de papel de seda enrugado. Foi preciso afastá-lo para ver o que continha.

E o que encontrou deixou-a pasmada. Fitou a palma da mão, incapaz de compreender.

A caixa continha dois objetos. Um parecia ser um *komboloi* — um fio de contas parecido com o rosário pequeno que alguns gregos utilizavam quando estavam tensos ou preocupados, mas ela nunca tinha visto um assim. O desenho e a datação pareciam anteriores aos de qualquer ou-

tro *komboloi* de que ela tivesse ouvido falar. Tinha quinze contas de um verde iridescente, feitas de um tipo de pedra desconhecido, onde tinham sido gravadas pequenas e intrincadas cenas familiares de pessoas com um tipo de roupa que ela nunca tinha encontrado nas suas investigações. As contas trabalhadas alternavam com cinco contas de ouro, que exibiam três raios a atravessarem um sol. Onde um *komboloi* normalmente apresentava uma pequena peça grega, como por exemplo uma medalha do tamanho de uma moeda pequena, este tinha um círculo com uma escrita semelhante ao grego antigo, mas muito diferente. Tão diferente que nem ela que crescera a ouvir grego antigo podia decifrá-la.

Como muitos artefactos acabados de extrair de uma escavação, o *komboloi* tinha uma pequena etiqueta branca presa a um fio vermelho, onde o pai anotara algumas informações:

9/1/87

a cerca de 1,5 metros abaixo da marca de referência (ver página 42)

datação absoluta: 9529 a.C.

pedra verde desconhecida/sem verificação

escrita desconhecida/sem verificação

O antropólogo em Megeara emocionou-se perante o significado histórico daquela descoberta. Se a datação fosse realmente absoluta...

A peça revelava uma sofisticação e uma técnica metalúrgica desconhecidas. Naquele tempo, os gregos não deveriam ter tamanha arte. De facto, a precisão dos entalhes e das gravuras tornava mais possível que tivessem sido feitos por uma máquina e não à mão. Há onze mil anos, a humanidade ainda não possuía as ferramentas necessárias para realizar algo tão intrincado.

Como era possível?

Intrigada, Megeara concentrou-se numa pequena bolsa de couro no fundo da caixa. Também ela estava etiquetada.

7/10/85

datação absoluta: 9581 a.C.

metal desconhecido/sem verificação

Franzindo o sobrolho, Megeara abriu a bolsinha e encontrou cinco moedas de diferentes tamanhos. Eram antigas... muito antigas e revestidas de pátina. Mais uma vez, não havia moedas assim tão antigas. Não as havia naquela era, muito menos na Grécia. Tal como o *komboloi*, as moedas apresentavam o mesmo tipo de escrita, mas por baixo havia algo

que ela já conseguia entender, dizia: “Província Atlante de Kirebar” em grego antigo.

Deus meu!

Uma vez mais, as moedas não pareciam ter sido feitas à mão, nem a liga metálica era reconhecível. Não eram de uma cor alaranjada, não eram de prata, nem de ouro, nem de bronze, cobre ou ferro — talvez fosse uma estranha combinação desses metais, embora tampouco o parecesse.

Mas que raio seria aquilo?

Apesar da pátina, as imagens e a escrita eram nítidas e precisas, como nas moedas modernas.

Com o coração acelerado, Megeara voltou a moeda maior para ver o reverso. Nele figurava o mesmo símbolo estranho gravado no *komboloi*, de um sol atravessado por três raios. E sobre a gravura liam-se umas palavras desconhecidas por cima de outras em grego: “Que Apollymi nos proteja”.

Megeara fitou a moeda com incredulidade. Apollymi? Quem seria? Nunca tinha ouvido aquele nome.

— É uma falsificação.

Tinha de ser, mas sabia que não. Não eram falsificações. O seu pai devia tê-las encontrado numa das suas muitas escavações no Egeu.

Aquilo tinha sido a motivação do pai quando o mundo inteiro se ria dele. Ele sabia uma verdade em que ela se recusara a acreditar.

A Atlântida era real.

E se assim era, o seu pai tinha sido questionado por todos... até por ela. Uma dor tremenda dilacerava-a à medida que recordava todas as discussões que tinham vivido. Ela não tinha sido melhor que os outros todos.

Meu Deus, as discussões que eles tinham tido ao longo dos anos. Porque nunca lhe contara nada? Porque lhe ocultaria uma descoberta de tal magnitude?

Infelizmente, Megeara sabia a resposta.

Porque eu não teria acreditado. Mesmo que ele me tivesse mostrado o lugar onde tinha encontrado aqueles objetos. Teria rido dele e feito troça dele.

Sem dúvida, o seu pai tinha querido poupar-se à dor de ver a filha rir-se dele.

Fechando a caixa, Megeara apertou-a contra o peito, lamentando cada palavra e crítica horríveis que tinha pensado sobre ele. Quanto o tinha ferido. A única pessoa que devia ter confiado nele tinha sido tão cruel como todos os outros.

Agora era demasiado tarde para se arrepender.

— Lamento muito, pai — sussurrou entre lágrimas. Como todos os outros, ela tinha assumido que ele estava louco. Perdido. Estúpido.

Mas de algum jeito ele tinha encontrado esses artefactos. E de algum jeito eram reais.

A Atlântida existe. Aquelas palavras redemoinhavam na sua mente. Com o olhar fixo no mar azul, apertou a caixa com força enquanto recordava as últimas palavras para o seu pai.

— *Sim, sim, eu prometo. Eu vou procurar a Atlântida também. Não te preocupes com isso, pai. Fica em boas mãos.*

Aquelas palavras tinham sido ditas de forma apressada e desapaixonada, e ainda assim o reconfortaram.

— *Está lá, Geary. Sei que a encontrarás e verás. Tu. Verás. Conhecer-me-ás pelo que sou e não pelo que pensaste que era.*

Então ele adormeceu e poucas horas depois morreu, enquanto ela lhe segurava a mão.

Nesse momento, Megeara tinha-se sentido como uma criança e não como a mulher adulta que era. Uma menina que só queria recuperar o pai. Que desejava com todas as suas forças que alguém a reconfortasse e lhe dissesse que tudo ficaria bem.

Mas não havia ninguém na sua vida que pudesse fazer isso. E agora, depois de tudo, aquela promessa apressada e ridícula ganhava novo sentido para ela.

— Estou a ouvir-te, pai — sussurrou ela à brisa perfumada de azeite, na esperança de que esta levasse a sua voz até onde ele estivesse. — E não te deixarei morrer em vão. Vou provar que a Atlântida existe. Por ti. Pela mãe e pelo tio Theron e a tia Athena... pelo Jason. Ainda que me custe a minha vida, cumprirei a minha palavra. Encontraremos a Atlântida. Juro-o.

Mas, apesar de ter proferido aquelas palavras com convicção, não podia evitar perguntar-se se seria capaz de suportar o ridículo que o pai tinha aguentado durante toda a sua vida profissional. Há apenas seis semanas, Megeara tinha terminado o doutoramento em Yale e era suposto começar a dar aulas em Nova Iorque nesse outono. Era uma proeza para alguém tão jovem, e todos esperavam muito dela... as instituições, os professores que lhe tinham outorgado o doutoramento e ela mesma.

Seguir aquele caminho seria uma estupidez. Ela perderia tudo. T-U-D-O. Era um passo difícil de dar. Um do qual nunca recuperaria.

O meu pai acreditava.

E o tio e a mãe.

Tinham dado a vida pela descoberta, mesmo quando o mundo se ria deles. Agora, uma segunda geração de parvos ia seguir o caminho para a ruína da primeira.

Megeara só esperava que no final o seu destino fosse melhor do que o que tinha tido a primeira geração.

Tal pai, tal filha.

Ela não tinha outra opção senão completar a demanda que ele tinha começado, e porque enquanto não o fizesse, o seu nome não valeria nada, tal como o do seu pai.

— Que comecem as vergastadas...

Capítulo

UM

SANTORINI, GRÉCIA, 1996

— O MEU REINO POR UMA ARMA.

Abanando a cabeça às palavras hostis de Geary, Brian abriu tranquilamente a porta do carro à medida que ela se aproximava do pequeno táxi que os esperava no meio da atarefada rua grega.

— Não tem um reino.

Ela deteve-se brevemente na calçada para o fulminar com o olhar. Considerando a fúria que sentia, não podia acreditar que ele se tivesse atrevido a destacar algo tão óbvio. Ela era conhecida por ferir com palavras quando só estava apenas ligeiramente irritada. Aquele homem não tinha mesmo qualquer instinto de autopreservação.

— E não tenho uma arma; parece que estou mesmo com azar, não?

Mas ele continuava calmo — algo que não a ajudava a melhorar a disposição. Será que nunca se irritava?

— Depreendo que não tenha conseguido as autorizações... outra vez.

Podia ter sido poupada àquele “outra vez”.

— Como adivinhou?

— Oh, não sei. Talvez porque vinha rua abaixo com os punhos prestes a estrangular alguém, ou pelo seu olhar, como se quisesse arrancar-me os olhos quando eu não fiz nada para a irritar.

— Fez, sim.

Geary sabia que ele estava a tentar conter um sorriso. Felizmente, o homem tinha a sensatez de o ocultar.

— O quê?

— Não tem uma arma consigo.

Brian resfolegou de troça.

— Vamos, não pode dar um tiro a cada funcionário grego que se atravessasse no seu caminho.

— Quer apostar?

Brian afastou-se para a deixar entrar no táxi. Com cerca de um metro e noventa e quarenta e poucos anos, era um homem interessante. Muito distinto e inteligente. E o melhor de tudo era ser muito rico e capaz de financiar uma última aventura sem se queixar muito.

Infelizmente, não era adepto de suborno a funcionários públicos.

Seria demasiado sonhar com um investidor com menos escrúpulos? Brian tinha certamente algum vício, e a Geary não ocorria nenhum mais útil do que aquele.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou ele enquanto entrava para o carro.

Geary suspirou, desejando poder responder. A equipa estava à espera no navio que ela tinha atracado no porto, mas sem autorização para escavar os montículos onde ela e Tory acreditavam haver uma muralha, só lhes restava mergulhar à superfície do que tinham encontrado, sem poder fazer mais do que admirar o espaço.

Não bastava. Era a melhor pista que tinham tido em anos.

— Quero outra amostra de lama.

— Já analisou várias vezes essas amostras.

— Eu sei, mas talvez nos ajude a convencê-los a darem-nos as autorizações.

Sim, claro. O último indeferimento tinha sido bastante categórico e as palavras do funcionário ainda lhe latejavam nos ouvidos.

— *Estamos na Grécia, Dra. Kafieri. Há ruínas por todos os lados e não lhe dou autorização para esventrar o Egeu, que é uma zona com muito tráfego marítimo, quando só me fala de histórias da Atlântida. Por favor. Já tive exploradores suficientes a tentar pilhar a nossa herança nacional para sua própria glória ou riqueza. Não preciso de mais um. Aqui na Grécia levamos a nossa História muito a sério e está a fazer-me perder tempo. Um bom dia para si.*

Tinha sido o suficiente para a fazer querer bater com a sua cabeça na secretária do homem até ele mudar de ideias ou mandar interná-la. A sua busca não era uma caça ao tesouro, mas tentar convencê-lo disso revelara-se tão inútil quanto tentar voar com asas de cera.

— Tem de haver uma forma de contornar a situação.

Brian ficou rígido.

— Não tomarei parte de nada ilegal.

Infelizmente, nem ela.

— Não se preocupe, Brian. Não quero ir presa por isto.

Mas tinha de haver algo que ela pudesse fazer...

Se aquela maldita dor de cabeça desaparecesse para tentar pensar...

Mas a dor palpitante e o funcionário desagradável pareciam decididos a estragar-lhe o dia.

Geary reclinou-se no assento e observou os belos edifícios e a paisagem da cidade, enquanto as pessoas visitavam as lojas dispersas pelas ruas. Como desejava não ter obrigações e poder vaguear pelas lojas, comprando e sorrindo como a maioria dos turistas. Infelizmente, nunca fora uma turista em nenhum lugar.

Para Geary Kafieri a vida era muito trabalho e pouca diversão.

Não falaram à medida que o táxi se dirigia pelas ruas estreitas, a caminho do porto onde o navio os esperava. Enquanto Brian pagava ao taxista, Geary saiu e encaminhou-se para a embarcação, prestes a enfrentar a equipa com mais um enorme fracasso.

Tory avançou primeiro. Com quinze anos e muito alta para a idade, a prima de Geary tinha o cabelo comprido e castanho e usava óculos grossos. Era uma adolescente estranha que gostava mais de livros do que de qualquer outra coisa. Embora Tory não se lembrasse do próprio pai, Theron, era exatamente como ele. Encontrar Atlântida era a sua única ambição.

— E então? — perguntou ela, expectante.

Geary abanou a cabeça. Tory largou um impropério que deixou a prima boquiaberta.

— Porque não nos deixam escavar? O que se passa com essa gente?

— Acham que é uma perda de tempo.

Tory franziu a cara com aversão.

— Isso é estúpido! *Eles* são estúpidos!

— Sim — disse Geary secamente. — Somos todos estúpidos.

Tory riu-se do comentário.

— Eu não sou estúpida. Sou um verdadeiro génio. Mas os outros... estúpidos...

— Disse-te para não te dares ao trabalho.

Geary olhou por cima do ombro de Tory e viu a sua outra prima, Cynthia, que se aproximava. Batizada em honra da deusa grega da caça, Artemisa, Thia odiava tudo o que estivesse relacionado com a Grécia¹. Só estava ali para acumular créditos para a universidade e seguir a sua última

¹ Nome feminino comum, correspondia originalmente ao epíteto usado para invocar a deusa Artemisa, pois, segundo o mito, nasceu no monte Cynthus (Kynthos). (N. do T.)

obsessão, Scott, que considerara que aquela seria uma atividade de verão divertida. Além disso, se Thia tivesse ficado em Nova Iorque, seria obrigada a trabalhar na mercearia da mãe, algo que detestava até mais do que a Grécia.

Com um metro e oitenta e dois, a beleza de cabelo acobreado era uma das poucas mulheres mais altas do que Geary — uma verdadeira façanha, já que Thia ainda não tinha dezoito anos.

Geary franziu o sobrolho ao fitar a saia comprida azul de Thia e a sua camisa branca de mangas largas, bordada ao estilo grego.

— Pensei que estavas a apanhar sol — comentou Geary.

Tory inclinou-se para a frente e sussurrou-lhe ao ouvido:

— E estava; tirou a parte de cima do biquíni, esperando que o Scott a visse nua e se juntasse a ela. Não o fez, mas os homens que passeavam num barco quase caíram à água antes que a Justina a mandasse lá para baixo.

Thia apertou os lábios.

— Sua traidora. Em vez de falares sobre mim, devias contar à Geary como quase pegaste fogo aos relatórios porque te assustaste com o gato dela e derrubaste o bico de Bunsen do Teddy.

Tory corou um pouco antes de ajustar os óculos sobre o nariz.

— Génio sem graciosidade. *C'est moi.*

Geary sorria para a prima enquanto esta admitia a terrível verdade. A graciosidade nunca tinha sido uma virtude de Tory, ao contrário de Thia, que tinha para dar e vender.

— Não faz mal, Tor. Só te teria obrigado a refazê-los.

Thia suspirou enquanto observava o convés.

— Haverá lugar mais aborrecido no mundo? Nem consigo que o Scott suba por mais do que uns segundos.

Obviamente. Se a sua nudez não o tinha conseguido convencer, nada o faria.

— Ele está lá em baixo com o Teddy — continuou Thia com irritação, — colado a um mapa de escavação, como se isso fosse acontecer. O que tem este país esquecido por Deus de tão especial que, de cada vez que trago um rapaz comigo, acaba por perder a cabeça?

— Deve ser por ter de passar tanto tempo contigo — comentou Tory, prendendo uma mecha de cabelo solto atrás da orelha. Inclinou-se lentamente sobre Geary para lhe sussurrar na língua secreta das duas, uma combinação de grego antigo e latim. — Acho que ela lhes suga a testosterona e depois digere-a.

Geary sorriu. Thia ficou imediatamente rígida.

— O que disse ela sobre mim?

Geary abanou a cabeça para Tory antes de responder.

— Porque tem sempre de ser sobre ti, Thia?

— Porque é assim.

E com este comentário, abandonou dramaticamente o local. Tory deixou escapar um suspiro cansado.

— Espero que um dia encontre alguém que a ponha no seu lugar. Estou cansada de a ver castrar o pobre Scott. Ela deve ser metade súcubo².

— Não vás por aí. Não a desejaria a ninguém.

— Bem visto. — Tory parou antes de se voltar e fixar Geary. — Agora diz lá o que aconteceu.

Como se ela quisesse reviver a situação.

— Não há muito que contar. Não nos deram autorização... outra vez.

Tory bateu com o pé no chão.

— Caramba, pá. Isso não é justo.

— Eu sei — respondeu ela, dando uma palmadinha no braço da prima. — Temos de ter paciência.

— Que se lixe a paciência. Se continuarem assim, chegamos à reforma a escavar com bengalas. — Deixou escapar um som de extrema irritação. — Nunca estivemos tão perto de encontrar a cidade. Eu sei que a Atlântida está aqui. Posso senti-la!

Um calafrio percorreu a espinha de Geary. Tory era demasiado parecida com os pais de ambas para o seu gosto. Possuía a mesma loucura que os tinha motivado. Uma loucura no sangue que a fazia ficar a trabalhar até tarde, depois de toda a gente se retirar.

Havia momentos em que assustava Geary. Todas as pessoas da sua família que partilhavam a dedicação de Tory tinham morrido cedo. E se algo sucedesse ao membro mais jovem da sua família, destruiria Geary, mas também o avô de ambas.

Ela era a razão pela qual eles viviam.

Na verdade, Geary suspeitava que Tory usava o projeto para esquecer a dor que sentia por ter ficado órfã. A pobre não tinha lembranças dos pais. O trabalho ajudava-a a sentir-se mais próxima deles. Era tudo o que tinham deixado à sua filha.

— Vai correr tudo bem, Triantafyllo. — Geary usou o apelido que o avô tinha dado a Tory. — Agora vou deitar-me um pouco a ver se consigo conter esta dor de cabeça que começa a instalar-se.

— Está bem. Eu vou estar com o Scott e o Teddy a verificar os dados,

² Na cultura medieval ocidental, um “súcubo” (do latim *succubus*: aquela que está deitada sob) é um demónio com aparência feminina que invade o sonho dos homens para ter relações sexuais com eles. (N. do T.)

que serão absolutamente inúteis se não pudermos escavar. Paciência. Sou jovem e tenho tempo para gastar. Já tu...

Geary fez uma careta.

— Não sou muito mais velha do que tu.

Tory ainda comentou, afastando-se:

— Sim, claro. Arranja uma bengala, avozinha.

Geary abanou a cabeça com a brincadeira de Tory, mas depressa se encolheu com a dor que lhe tolheu a fronte e que palpitava por detrás dos seus olhos.

Brian franziu o sobrolho quando se juntou a ela no convés.

— Está bem?

— Outra dor de cabeça. — Ultimamente, tinha muitas. É claro que, com a sua sorte, seria um tumor cerebral inoperável e acabaria à mercê de Thia, que a torturaria sem piedade... Que ideia parva. — Eu fico bem. Só preciso de descansar uns minutos.

— Se precisar de alguma coisa, chame.

Preciso de uma autorização, não achas?

Se pudesse dizê-lo em voz alta sem perder o financiamento...

— Assim farei. Obrigada.

De seguida, Geary dirigiu-se para o pequeno camarote que partilhava com Tory. Não havia muita privacidade num barco de pesquisa, mas isso não a incomodava. Não como quando tinha a idade de Tory. A diferença entre elas era impressionante.

Enquanto Geary tinha odiado não ter o seu próprio espaço, Tory era ambivalente em relação a isso. A rapariga só queria saber da sua busca.

Mas, apesar das suas diferenças, Geary adorava a prima. Tory era o mais próximo que tinha de uma irmã, e desde que tinha perdido os pais, antes de a menina ter completado seis anos, toda a família a tinha acolhido e tomado conta dela como se fosse sua.

Geary sorriu quando entrou no camarote e encontrou a camisa de noite de Tory e o seu ursinho gasto pousados na cama. Tory era conhecida pela sua organização.

— Muito bem, Sr. Fofinho, vais ter de ficar no teu sítio. Para de te atirares para a minha cama. Costumo dar pontapés enquanto durmo.

Geary sentou o ursinho na cama desfeita de Tory e dobrou a camisa de noite cor-de-rosa, colocando-a debaixo do Sr. Fofinho.

Um sorriso leve desenhou-se-lhe nos lábios. Conseguia ouvir as vozes abafadas que provinham do convés enquanto o navio balançava brandamente sob os seus pés, embalando-a, conduzindo-a a um profundo estu- por. Precisava mesmo de descansar. O sono andava muito irregular ultima- mente. Provavelmente por ter demasiadas coisas na cabeça.

Tirando os sapatos, afastou a colcha e deitou-se na cama estreita.

Adormeceu quase imediatamente.

Os ruídos do navio desvaneciam-se à medida que ela flutuava pela escuridão do sonho, misturado com uma neblina branca e uma brisa fresca. Desde criança, Geary tinha conseguido entrar rapidamente na fase dos sonhos... normalmente em cinco minutos, algo que era francamente inaudito. Tratava-se de uma desordem do sonho estranha que nenhum médico tinha conseguido explicar.

À medida que os seus sonhos fluíam, Geary deu consigo numa praia escura onde as ondas coroadas de espuma branca se desfaziam numa costa desconhecida. O som ressoava-lhe nos ouvidos e enterrou os dedos na areia húmida e negra.

— Megeara.

A voz masculina grave era quente e erótica, proferida com um sotaque exótico e estranho, sussurrando a Geary a sensação de um brandy misturado com chocolate quente. Intenso. Puro.

Inebriante.

Geary gemeu no sono quando sentiu o seu misterioso amante aproximar-se por trás dela. Como sempre, era impressionantemente belo, com o cabelo comprido e negro agitado pelo vento e uns olhos azuis tão cristalinos que pareciam reverberar. Cada ângulo do seu rosto era perfeitamente esculpido; e aqueles olhos hipnotizantes viam-se destacados por um par de sobrancelhas negras que acentuavam a sua intensidade. Ele envolveu-a com os seus braços bronzeados e puxou-a contra o seu peito arrebatador que se ondulava e curvava em músculos perfeitos.

Ele era magnífico.

Absolutamente sedutor.

E naquele momento, era todo dela...

Fechando os olhos, Geary deixou que o aroma masculino lhe invadisse os sentidos até a deixar completamente bêbada de prazer. Inclinou levemente a cabeça para a esquerda enquanto os lábios quentes dele lhe roçavam o pescoço, para que ele pudesse acariciar e lambe carinhosamente a sua pele, deixando-lhe o corpo em brasas.

Geary não sabia porque tinha aqueles sonhos eróticos e loucos. Por que motivo aquele homem incrivelmente sexy a assombrava. Geary Kafieri não era conhecida pela sua sensualidade ou feminilidade. Geary era rija como pregos. Passara a maior parte da vida a defender as suas causas, a lutar para ser ela mesma, e essas batalhas não lhe tinham deixado tempo para praticar os típicos passatempos femininos de maquilhagem, cabelo e argúcia.

Desde que iniciara o processo de reabilitação da reputação do pai, ti-

nha tentado provar o seu valor aos colegas e aos investidores. Tinha tentado provar que não só conseguia competir numa área dominada por homens, mas também ser a melhor.

E tinha-o conseguido admiravelmente. E que importava se não era a mais elegante das mulheres? Tinha alguns adeptos e conseguira resgatar a empresa falida do pai em menos de três anos, após a sua morte. Kafieri Salvage era agora uma das principais empresas da Grécia, e enquanto reconstruía a companhia do pai, conseguira continuar a sua investigação privada.

E isso sempre lhe bastara.

Ou, pelo menos, assim pensava até àquela noite sufocante dois meses antes, em que Arikos apareceu pela primeira vez nos seus sonhos.

No instante em que colocara os olhos naquele homem, tinha ficado seduzida.

Arikos fê-la voltar-se nos seus braços para que se vissem. Mordiscando o lábio, Geary procurou os seus abrasadores olhos azuis. Ele vestia um par de calças de couro negro e calçava umas botas, mas nada mais. A suave brisa agitava-lhe o cabelo ondulado que lhe dançava pelo rosto, e alguns fios ficavam presos nos curtos pelos da barba.

— O que te perturbou hoje, *agamenapee*? — perguntou ele, num tom que sempre a arrepiava.

Geary apoiou a cabeça no seu ombro musculado, para poder aspirar a sua essência e conseguir acalmar-se.

Se pudesse ser real...

— Eles não nos querem dar autorização — sussurrou, desenhando com a ponta do dedo os contornos do mamilo dele e observando como se retesava. — E estou com vontade de os matar. Sei que encontrámos a Atlântida. Sei que sim. Estou tão perto que posso senti-la e agora... agora é impossível.

Cerrou os dentes com frustração, grata por ter alguém em quem confiar o seu verdadeiro estado de alma. A sua equipa esperava que ela mantivesse a calma e fosse sempre razoável, quando o que ela queria realmente fazer era abanar o funcionário até este lhe dar o que ela queria.

Malditos.

— Vou falhar — confessou ela com a voz embargada. — A este ritmo, vamos falhar. A Tory tem razão. Seremos demasiado velhos para nos lembrarmos do que procurávamos.

Arikos amparou-lhe o rosto nas mãos grandes e fitou-a com o sobrolho franzido.

— Não entendo porque é tão importante para ti.

— Porque o meu pai morreu bêbado e desiludido. Quero que todos os que riram dele tenham de engolir as suas palavras. Quero provar ao

mundo que o meu pai não lutava contra moinhos de vento. Quero manter a promessa que lhe fiz. Devo-lhe isso.

Arikos inclinou a cabeça e fitou-a nos olhos como se pudesse ler-lhe a alma.

— Encontrar a Atlântida far-te-ia realmente feliz?

— Mais do que qualquer outra coisa.

— Então considera-o feito. Vou levar-te até lá.

Ela riu-se perante aquela absurda declaração. Caramba, quando o seu subconsciente viajava, viajava mesmo.

Ainda assim, significava muito para ela ter pelo menos uma pessoa que acreditasse nela. Não importava que ele não fosse real. Precisava do seu apoio hipotético e estava grata por tê-lo.

Arikos inclinou a cabeça e capturou os lábios dela com os seus. Geary gemeu ao sentir o seu doce sabor. Não havia ninguém na terra que tivesse o mesmo sabor que ele. Ninguém que gostasse mais de sentir nos seus braços. E seria por isso que estava reservado para os seus sonhos.

Mas estava contente por tê-lo ali, por sentir a pele quente dele roçando contra a sua.

Era capaz de o comer vivo.

As mãos de Arikos despiram-lhe habilmente o vestido branco pelos ombros, deixando-a nua diante dele, enquanto a mordiscava e saboreava com a boca e a língua. Estava assombrada com a facilidade com que se rendia a ele, mesmo sendo em sonhos. Na vida real, Geary nunca tinha sido o tipo de mulher que permitia que um homem a arrebatasse. Que a paixão a dominasse.

Ela era uma mulher de pura lógica e com as emoções bem controladas.

Era por isso que ela adorava os sonhos. Neles era livre para estar com Arikos sem preocupações. Não havia perigo de gravidez ou doença. Não tinha de se preocupar em enfrentá-lo na manhã seguinte.

Não havia risco de desilusão ou de uma gargalhada cruel. Ali, ela podia controlar os seus sonhos e a ele. Quando estava com ele, sentia-se a salvo e confortável, e eram os melhores momentos do seu dia.

Arikos pousou-a suavemente na areia e cobriu o corpo dela com o seu. A sensação do corpo dele era incrível. O couro das suas calças acariciava-lhe as pernas à medida que as afastava com o joelho.

Ele afastou a boca da dela, descendo para lhe beijar os seios, já desperados pelos seus beijos.

Ofegante e débil, ela agarrou-lhe a cabeça enquanto ele movia a língua para trás e para diante sobre o seu mamilo ereto. O seu fôlego queimava-lhe a pele ruborizada.

— Isso — disse ele mergulhando a mão no lugar dentro dela que gritava por ele. Os seus dedos quentes acariciavam e pressionavam até ela sentir a iminência de um orgasmo. — Dá-me toda a tua paixão, Megeara. Deixa-me sentir o teu prazer. Deixa-me saboreá-lo.

Beijando-o com avidez, Geary empurrou os quadris contra a mão dele, procurando ainda mais prazer.

— Quero mais — exigiu ela, procurando o fecho das calças dele.

Ele riu-se com malícia.

— E terás mais.

— GEARY!

O forte grito arrancou-a do sonho e acelerou-lhe o coração ainda mais do que Arikos. Geary abriu os olhos, percebendo-se deitada de barriga para baixo sobre a cama.

Tory entrou na divisão.

— É melhor vires depressa. A Thia está prestes a afogar o Teddy. E não estou a brincar.

ARIK abandonou o sonho com um impropério, enquanto flutuava no *strobilos* que não lhe dava forma ou substância enquanto espiava o reino humano. Sempre que uma pessoa despertava de um sonho, deixava o deus do sonho num imenso vazio. Não havia som, nem cor — apenas escuridão.

Apenas conseguia sentir as suas fugazes emoções da sonhadora, e estava desesperado por conseguir mantê-las.

— Megeara... — chamou Arik, na esperança de poder voltar ao momento que tinham partilhado. Mas sabia que era demasiado tarde. A sua pequena fixação era mais forte do que a maioria dos humanos e nem sempre vinha ao seu encontro quando a chamava.

Nem o Soro do Lótus podia induzi-la a dormir se não estivesse pronta para o acolher. Apenas lhe dava uma dor de cabeça enquanto lutava contra ele.

Maldição. Queria que ela voltasse.

O corpo doía-lhe da necessidade insatisfeita, mas mais do que isso, sentia algo estranho no peito.

Dor.

Desejava-a e estava zangado por tê-la perdido. Nunca tinha sentido tal coisa. Os deuses do sonho deviam ser desprovidos de emoções... de todas, exceto da dor. Tinham ficado com essa emoção para que os outros deuses pudessem controlá-los e castigá-los.

Só que ele não sentia dor no peito. Conseguia sentir as emoções de Megeara, o que demonstrava o quanto ela reprimia a sua paixão e fúria.

A princípio, não passara de uma curiosidade para ele. Os seus sonhos

eram nítidos e coloridos. A maior parte dos sonhos não o era. A maioria das pessoas sonhava a preto e branco e com muita névoa.

Os deuses do sonho fugiam desses, especialmente os eróticos, os Skoti como ele, que se sentiam atraídos pelos humanos mais audazes. Para quê dançar nos sonhos de uma pessoa pouco imaginativa quando o objetivo é experimentar emoções e sentimentos através do sonhador?

Por isso, a sua espécie saltava de sonho em sonho, procurando os que podiam criar sonhos bonitos e que davam aos Skoti aquilo de que necessitavam.

Os sonhos da Megeara estavam alagados de emoções inteligentes. A primeira vez que os penetrou, ela estava a tomar banho num rio de chocolate.

Flutuando pela neblina que constituía uma das câmaras dos sonhos, Arik fechou os olhos para evocar a memória. Ainda havia vestígios da paixão de Megeara dentro dele, mesmo que a ligação entre ambos tivesse sido interrompida, o que o fez recordar-se do prazer que sentira ao encontrá-la naquela primeira noite.

Ainda conseguia saborear o chocolate do sonho na língua, chocolate que tinha lambido do seu corpo nu. Ainda sentia a cálida sensação no seu corpo enquanto faziam amor. E ainda se perguntava — tal como se perguntara então — a que saberia o chocolate no plano mortal.

Porque teria proporcionado tanto prazer a Megeara?

Mas, mais do que tudo, ardia só de pensar a que saberia ela. A que cheiraria.

Sentiu o sexo enrijecer com a perspetiva.

— Arikos?

Voltou a cabeça quando uma luz brilhante invadiu a escuridão.

— Desaparece, M'Ordant — grunhiu ele ao reconhecer a voz do seu meio-irmão.

— Isso é ira?

Arik pôs-se de pé, colocando-se ao lado do deus que era igualmente alto. Como ele, M'Ordant tinha o cabelo negro e os olhos de um azul translúcido. Todos os da sua raça eram marcados por essas cores e por uma beleza sobrenatural.

Desta vez, quando Arik falou, usou um tom indiferente e monocórdico, como competia a um membro daquela espécie maldita.

— Como posso saber? Não possuo emoções.

M'Ordant estreitou o olhar, e se Arik não o conhecesse melhor, teria jurado que o irmão estava desconcertado. Apesar de não poderem sentir, tinham aprendido a simular expressões. Era um truque que deixava os outros deuses menos nervosos ao redor deles.

— Tens passado demasiado tempo com essa humana. Precisas de avançar para outra.

Era a atitude correta. Um Skotos como Arik era tolerado apenas para ajudar a extravasar os excessos das emoções humanas. Se os Skoti passassem muito tempo com uma pessoa, podiam, em teoria, enlouquecer essa pessoa ou até matá-la.

Os Skoti eram avisados apenas uma vez. Se não obedecessem, os Oneroi seriam convocados para escolherem outro castigo ou eliminá-los da sua existência. M'Ordant era um dos muitos que vigiavam o sonho humano e mantinham os Skoti na linha.

— E se eu não quiser deixá-la?

— Estás a ser sarcástico?

Arik fitou-o.

— Como poderia?

— Então termina com ela — ordenou M'Ordant, desaparecendo.

O mais prudente seria ter em conta a advertência. Mas Arik estava demasiado envolvido com aquela humana para prestar atenção às palavras de M'Ordant. Além de que a situação requeria medo... algo que Arik não conhecia.

Fechando os olhos, Arik ainda conseguia sentir o perfume da pele de Megeara. A doçura salgada do corpo dela sob a sua língua faminta. O toque dela na sua pele.

Não, ainda não tinha terminado com ela. Estava só a começar.

Capítulo

DOIS

APOIADA na amurada do navio para que pudesse ver os barcos de vela mais próximos a deslizarem pela água cristalina e azul, Geary não sabia o que se passava com ela. Tinha tanto sono que mal podia manter os olhos abertos, o que não era nada típico dela.

— Devo estar a sofrer de narcolepsia.

Tory parou ao lado de Geary e fitou-a de cima a baixo.

— Possivelmente. Sabias que setenta por cento das pessoas com narcolepsia também sofrem ataques de catalepsia?

Antes que Geary pudesse abrir a boca para lhe responder, Tory rebateu a própria teoria.

— Mas não me parece que seja o teu caso. Vi-te zangada vezes suficientes para saber que esse adorável sintoma não te afeta. É claro que os narcolépticos também têm alucinações frequentes tanto a dormir como acordados. E, claro, sonambulismo. Sei que não és sonâmbula. Começaste a ter alucinações recentemente?

Sim, mas discutir as suas fantasias sexuais com uma adolescente de quinze anos não era algo que Geary tivesse intenção de fazer.

Geary olhou-a com o sobrolho franzido.

— Como sabes tanto sobre isso? Bolas, Tory, és uma menina. Age como uma. — Antes que pudesse pestanejar, Tory fechou a mão e deu-lhe um murro no braço. Com força.

— Au! — Geary esfregou a zona que Tory tinha golpeado. — O que foi isso?

— Um repente emotivo e irracional. Não é algo característico dos adolescentes? Oh, e amuar. Amuar muito.

Geary ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Certo. Faz como quiseres, Dra. Kafieri.

Com uma expressão mais própria da sua idade, Tory ofereceu-lhe um sorriso trocista antes de ir ajudar o capitão com as cordas.

Abanando a cabeça, Geary desceu aos camarotes para procurar Teddy e Scott, que se queixavam da presença de Thia na equipa enquanto trabalhavam... algo que Geary não podia evitar já que tinha prometido à mãe dela que ficaria com ela naquele verão. Aparentemente, a pequena hárpia tinha atacado Teddy por monopolizar demasiado o tempo de Scott.

Geary esperava que a irritação lhes passasse. Tinha mandado a prima à cidade para fazer compras enquanto se preparavam para zarpar rumo à zona onde Geary acreditava que Atlântida estava escondida. A última coisa de que precisavam era de Thia a queixar-se de tudo.

Além disso, Thia era louca por compras. Quanto mais um objeto brilhasse, melhor. A tal ponto, que no último Dia das Bruxas, a rapariga chegara a usar chifres vermelhos decorados com brilhantes em forma de diamante. Como era de esperar, Thia tinha-se vestido como um demónio das compras.

Brian tinha-se oferecido para a acompanhar e evitar que se metesse em sarilhos — o que, conhecendo Thia, era um trabalho necessário. Com a sorte deles, ainda era raptada para escravatura branca ou levada por uns extraterrestres verdes.

Entretanto, Geary sentia-se tão cansada que mal conseguia aguentar. Era com um grande esforço que se mantinha acordada.

— *Megeara. Volta para mim...*

Um calafrio atravessou-lhe o corpo, quando escutou a voz erótica outra vez na sua cabeça.

Viu algo a mexer-se pelo canto do olho. Voltou-se e, na porta, nas escadas que conduziam à coberta, estava Arikos. Vestido completamente de negro, estava de pé, apoiado num dos lados, com os seus olhos malvados que prometiam uma longa noite de orgasmos e um sedutor sorriso que a deixou inerte.

— Vem, Megeara.

Aquela voz sussurrava como um vento fantasma, acariciando-a. Seduzindo-a.

Estendeu-lhe a mão...

Geary nunca tinha visto uma pose mais irresistível. Tudo o que ela queria era agarrar a mão dele para que ele a tomasse nos braços como fazia nos seus sonhos. Queria despi-lo e provar aquele corpo perfeito.

Saborear os seus lábios provocadores.

Sem pensar, ela aproximou a mão da dele. Tão perto que quase podiam tocar-se. Só faltava um pouco mais...

Mas não era real e ela sabia.

— Geary? Podes chegar-me a régua?

Geary sobressaltou-se ao som da voz de Teddy. Deixando cair a mão, olhou para a esquerda e viu a régua pousada na mesa desarrumada. Pestanejou antes de voltar a olhar para as escadas.

Estavam vazias, sem sinal de que Arikos estivesse à sua espera, o que a desiludiu.

Estou a perder a cabeça.

Sim, mas que forma de a perder. Toda a gente devia ter uma alucinação assim tão sensual.

Não querendo pensar mais no assunto, pegou na régua e entregou-a a Teddy, que a fitou com uma expressão preocupada. Apesar de ser apenas uns anos mais velho do que ela, agia mais como um pai do que como um amigo ou colega. Usava o cabelo curto e castanho sempre impecavelmente penteado, tinha uns olhos castanhos joviais e um par adorável de covinhas.

— Estás bem?

— Cansada.

Teddy coçou a cabeça, perplexo com a resposta.

— Dormiste catorze horas na noite passada.

Geary deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Eu sei, mas ainda me sinto cansada.

— Talvez devesses ser vista por um médico.

Sobretudo a cabeça. Geary afastou o pensamento e sorriu.

— Eu fico bem, a sério.

Ou ficaria, se deixasse de ter aquelas alucinações estranhas. Sentia que alguém a observava...

ARIK quis praguejar de frustração quando viu Megeara sorrir para outro homem. Porque não tinha sucumbido ao seu soro? Às suas súplicas?

Como podia uma simples mortal ser tão forte?

— Arikos?

Quando a luz penetrou a sua câmara escura, Arik deixou escapar outro suspiro exasperado ao ouvir a voz do tio Wink. Arik estava cansado de tantas interrupções quando a única coisa que queria era estar com o seu alvo humano.

— O que foi?

— Disseram-me para recuperar o soro do sonho que te dei. Parece que estás a abusar e a pôr o teu humano doente.

Arik voltou-se para enfrentar o deus do sonho mais velho. O comprido cabelo castanho de Wink estava composto numa trança que lhe percorria as costas, e os seus olhos cinza dançavam com travessura. Embora fosse um dos deuses mais antigos, tinha a mentalidade de um rapaz de treze anos. Não havia nada que apreciasse mais do que pregar partidas e provocar — precisamente o que desgraçara Arik e os seus irmãos.

Noutros tempos, tinham sido facilmente seduzidos e manipulados por outros deuses, e tinham-se deixado usar por Wink, Hades e outros em disputas e guerras privadas.

Até que um dia, Zeus pôs um fim à situação de uma vez por todas. Curiosamente, só tinha castigado as ferramentas e não quem as comandava.

Mas Zeus não era conhecido como deus da justiça.

— E se quiser ficar com o soro?

Wink arqueou uma sobrancelha e estalou a língua, contrariado.

— Vamos, Arikos, tu conheces as regras. — O seu rosto suavizou. — Sabes o que acontece aos que não cooperam.

Claro que sim. Todos os da sua espécie sabiam. As suas costas tinham mais cicatrizes do que o céu tinha estrelas. Havia momentos em que suspeitava que o seu avô Hipnos, que fiscalizava os castigos físicos, não era mais do que um sádico que só sentia prazer quando causava dor aos outros.

Era preciso ser-se cruel para enviar os Skoti para drenarem emoções excessivas ou reprimidas nos humanos, e castigá-los quando não queriam ir embora porque finalmente experimentavam outra coisa que não fosse dor.

Mas essa era a realidade.

Depois da sua *conversinha* com M'Ordant, Arik devia saber o que aconteceria. Não valia a pena discutir. Wink tinha sido enviado para recuperar o Soro do Lótus que usavam nos seres humanos, e nenhum suborno do Olimpo o faria desistir. Wink era apenas um peão ao serviço dos deuses do sonho.

Arik pegou no pequeno frasco e entregou-o a Wink que o aceitou com um sorriso estoico.

— Anima-te, rapaz. Há muitas sonhadoras por aí fora com quem podes brincar. A humanidade é assim, generosa. Vive para os sonhos e é possuída por eles constantemente.

Sim, mas nenhum desses humanos tinha o mesmo tipo de sonhos, desinibidos e vívidos, de Megeara. Esses sonhos faziam com que Arik quisesse saber como seria aquela mulher no mundo real. Como seria enquanto humana...

Arik viu Wink partir, deixando-o sozinho na escuridão da câmara

dos sonhos. Talvez se tratasse de um castigo justo, afinal. Filho do deus Morfeu, Arik tinha sido um dos Oneroi. Como era de esperar, era atribuído aos humanos para velar por eles e protegê-los contra os Skoti que por vezes os faziam seus cativos. Nesse tempo, passava os dias a acompanhar os sujeitos, assegurando-se de que os que estavam sob a sua proteção tinham sonhos normais que os ajudassem a lidar com os seus problemas ou inspirá-los.

Até àquela fatídica noite.

Tinha ido ajudar um dos seus sujeitos que estava doente. A doença tornara-lhe os sonhos extremamente vívidos e emotivos — tanto que um dos Skoti tinha ficado preso a ela. A situação era comum e até tolerada. Os Skoti alimentavam-se das emoções humanas, e desde que se controlassem e não conduzissem os sonhos ou se intrometessem na vida dos humanos, tinham permissão para os drenar. Só quando os Skoti os revisitavam repetidamente e tomavam o controlo do anfitrião, é que eram castigados.

Os humanos possuíam mentes frágeis. Um Skotos que o revisitasse poderia enlouquecê-lo ou torná-lo num homicida. No pior dos casos, um Skotos poderia até matar o humano, motivo pelo qual os Oneroi os acompanhavam. Se um Skotos passasse muito tempo com o seu anfitrião, os Oneroi entravam em cena para o expulsar.

Se isso não resultasse, o Oneroi mataria o Skotos.

Em tempos, a vida de Arik tinha sido dedicada a proteger os humanos. A não sentir nada e a seguir as ordens da elite dos Oneroi. Nessa época, derrubara numerosos Skoti sem entender ou interessar-se pelos motivos por que eles procuravam os humanos daquela forma. Por que motivo sentiam uma necessidade imperiosa de arriscar a vida por essa busca.

E então uma noite... não, um *encontro* tinha alterado a situação, esclarecendo-o de uma forma que ele nunca mais esqueceria.

Filho de mãe humana e do deus dos sonhos, Phobeter, Solin vivia na Terra, mas de noite percorria os sonhos dos outros humanos. Completamente amoral, não se importava com o que fazia aos outros, desde que se divertisse.

Durante séculos, os Oneroi tinham procurado deter Solin, pois ele era um dos poucos Skoti que tinham sido condenados à morte. O seu apetite voraz e agilidade na luta eram legendários entre os Oneroi que tinham tido a infelicidade de o enfrentar.

E Arik tinha sido um deles. Ainda jovem, tinha sonhado em capturar Solin sozinho.

A maioria dos Skoti fugia à abordagem de um Oneroi, pois estes eram apoiados pelos outros deuses para fazerem o que fosse necessário para controlarem os Skoti. Dado que um Skotos podia drenar as emoções

de qualquer humano, costumavam partir sem demora e não perdiam tempo a lutar quando podiam simplesmente avançar para outra pessoa.

Mas Solin era mais forte do que a maioria. Mais ousado. Em vez de fugir como Arik esperava, Solin voltara a humana contra ele. Segundo a lei, Arik não podia tocar nos humanos e Solin sabia disso. Arik tentou afastá-la sem a ferir, mas no momento em que os lábios dela tocaram os seus e ele sentiu a luxúria dela, algo no interior dele se partiu.

Sentiu prazer e excitação pela primeira vez na sua vida.

E quando a humana caiu de joelhos e o tomou na boca, soube que a sua guerra estava perdida e a convicção feita em pedaços. Num segundo apenas, tinha-se transformado num Skotos.

E assim se mantivera desde então.

Passeando de um sonho para o outro, procurara durante séculos por alguém que pudesse elevar as suas emoções ao nível daquela primeira noite. Mas ninguém conseguira tal feito.

Ninguém, até conhecer Megeara.

Só ela era capaz de alcançar o vazio no seu interior e fazê-lo ver cores outra vez. Fazer com que ele sentisse as suas emoções. Passados tantos séculos, finalmente compreendia por que motivo os Skoti se negavam a deixar os seus companheiros.

Porque estavam dispostos a morrer.

Por causa de Megeara, ele queria saber como era o mundo através dos olhos dela. A que sabia. Como seria tocar-lhe. E a capacidade que ela tinha de se manter afastada dele começava a irritá-lo.

Mas que podia ele fazer? Mesmo que fosse à terra para estar perto dela, jamais poderia senti-la ou ao seu ambiente.

Ele queria a sua paixão. A sua força vital.

Talvez houvesse uma maneira de lhe tocar...

Arik deteve-se naquele pensamento. Era verdade que tanto os One-roi como os Skoti podiam assumir a forma humana no reino mortal, mas jamais sentiriam emoções por causa da maldição. Por isso, para quê dar-se ao trabalho? Seriam tão frios e estéreis e incapazes de sentir na sua forma humana como o eram na forma de deuses.

Não era isso que ele queria.

Não, ele queria ser humano. Queria sentimentos e emoções para poder senti-la ao máximo.

Impossível.

Ou não? Eram deuses, com poderes divinos. Porque seria isso tão inalcançável?

Os teus poderes não são suficientes. Zeus tinha-se certificado disso quando os castigou por interferirem nos seus sonhos.

Para ser exato, os poderes de *Arik* não eram suficientes. Mas havia outros deuses cujos poderes superavam francamente os seus. Deuses que podiam torná-lo humano se assim o desejassem.

Zeus nunca faria tal coisa, pois odiava demasiado os deuses dos sonhos. Os seus filhos teriam demasiado medo de o tentar. Já os seus irmãos...

Esses eram um assunto completamente diferente.

E *Arik* sabia bem com quem negociar.

Hades. O deus do submundo não tinha medo de nada nem de ninguém. Os seus poderes eram equivalentes aos dos outros, e o melhor era que ele odiava os outros deuses tanto quanto eles o odiavam. Por isso, Hades estava sempre disponível para um bom negócio, especialmente se o acordo irritasse Zeus.

No mínimo, valia a pena tentar.

Dado que as emoções de *Megeara* estavam cada vez mais distantes, *Arik* voou da Ilha Desaparecida onde a maioria dos deuses dos sonhos residia, e desceu ao coração dos domínios de Hades. Ali tudo era escuro como a noite. Triste. Não havia corredores de marfim e paredes de ouro como os que se viam no Olimpo. Pelo menos não até se chegar aos Campos Elísios, para onde as almas boas eram enviadas para viverem a eternidade no paraíso. Os que tinham a sorte de ali residir tinham tudo o que os seus corações desejavam. Até podiam reencarnar se assim o desejassem.

Mas os Campos Elísios eram apenas uma parte de um reino muito mais vasto. Um que reserva a mais pura infelicidade para aqueles que lhe estavam condenados. Sobretudo nesta altura do ano. Três meses antes, a amada mulher do deus, *Perséfone*, tinha sido enviada para junto da mãe no reino superior. Até ao regresso de *Perséfone*, Hades era insuportável. Desde que ela partia até voltar, Hades dedicava o tempo a torturar aqueles que estavam à sua volta...

Um deus com juízo esperaria pelo regresso de *Perséfone*, quando Hades estivesse mais complacente, mas *Arik* estava desesperado. A última coisa que ele queria era dar a oportunidade a outro *Skotos* de encontrar a *Megeara*.

Não, era agora ou nunca.

Além disso, *Arik* não era um covarde. Ele nunca recuava perante uma batalha ou conflito. Fora isso que o tornara num dos melhores *Oneroi* e o fazia um dos *Skoti* mais mortais.

Ele conseguia sempre o que queria. Independentemente das consequências. Tinha a eternidade para pagar por elas. O que mais importava era o presente e era nisso que ele se concentrava. Sempre.

Voando por *Cérbero*, o cão de três cabeças levantou-se para ladrar.

Ignorando-o, mergulhou nas catacumbas feitas de esqueletos e ossos

dos inimigos de Hades. Muitos tinham pertencido a Titãs e seres antigos que tinham tido a má sorte de irritar o deus sombrio — e nem tinham recebido a distinção de merecer a tortura eterna de Hades, que os tinha relegado para pouco mais do que elementos decorativos.

Deveria ser uma advertência para Arik...

Mas os ousados e os desesperados nunca prestavam atenção a tais coisas.

Arik abrandou a velocidade quando entrou na câmara principal dos domínios de Hades. Aquela era a única sala do opulento palácio de Hades que estava aberta aos estranhos... Mas o seu lar era muito mais do que aquela pequena divisão.

Arik sabia-o porque ninguém era imune aos poderes de um Caçador de Sonhos. Ninguém. Todos os deuses eram vulneráveis quando descansavam, razão pela qual temiam tanto os Caçadores de Sonhos, e era nesses momentos que Arik se aventurava ali para ver o que Hades escondia com tanto cuidado.

Arik tornou-se invisível e subiu para o teto negro que brilhava sinistramente à luz débil. Hades estava sentado no seu trono, completamente sozinho. Feito de ossos de Titãs, o seu trono negro tinha sido polido até brilhar como o aço. Imponente e intimidante, como o deus que era, o assento dominava os estrados de onde governava. Ao seu lado havia uma cadeira muito mais pequena. Feita de ouro e acolchoada com almofadas da cor do sangue. Era ali que Perséfone se sentava quando estava em casa com o marido.

Hades fitava o trono da mulher com tamanha saudade que Arik quase conseguia sentir a sua dor. E foi só quando Hades se moveu que Arik percebeu que o deus segurava um leque pequeno e delicado na mão. Um leque de renda e marfim.

Fechando os olhos, Hades levou o objeto gentilmente ao nariz e inspirou a sua essência.

Então praguejou e atirou o leque para o trono a seu lado.

Um segundo depois, levantou-se para pegar nele novamente e pousá-lo com mais cuidado numa pequena reentrância no braço direito da cadeira. Era ali que Perséfone o guardava.

Hades parou de repente e inclinou a cabeça como se escutasse algo.

— Quem se atreve a entrar no meu salão sem o meu consentimento?

Arik desceu e materializou-se.

— Eu.

O deus voltou-se lentamente e semicerrou os seus olhos cor de âmbar em Arik.

— O que te traz aqui, filho de Morfeu?

Não havia necessidade de esconder o que procurava.

— Quero fazer um negócio contigo.

— Para quê?

— Desejo ser humano.

A gargalhada diabólica de Hades reverberou na sala ampla, ecoando ao redor das duas criaturas.

— Sabes como podes tornar-te humano, Skotos. Deixa de comer ambrosia e de beber néctar.

— Isso apenas me tornaria mortal e eu não quero morrer. Quero sentir. Por isso preciso de ser humano e não um deus.

Hades aproximou-se lentamente de Arik até se deter diante dele.

— Sentir? Como pode alguém no seu juízo perfeito querer isso? Sentir é coisa de tolos.

Arik olhou de relance para o leque.

— Até para ti?

Hades gritou com raiva ao mesmo tempo que prendia Arik contra a parede com os seus poderes. Os ossos afiados da parede cravaram-se nas costas de Arik, rasgando-lhe a roupa.

Arik debateu-se contra o poder, mas não havia nada que pudesse fazer naquele momento, senão sangrar.

— Para um deus que não deseja morrer, falas de coisas que não devias mencionar.

A força que o segurava cessou tão rapidamente que Arik mal teve tempo de recuperar antes de cair. Pairou sobre o chão por um segundo antes de se pôr de pé.

Hades arqueou as sobrancelhas com surpresa.

— És mais rápido do que a maioria.

— E no meu reino, sou capaz de ainda mais façanhas.

— O que queres dizer?

Arik encolheu os ombros.

— Que um deus com tamanho poder deve ter cuidado. Até o grande Hades tem de dormir.

— Estás a ameaçar-me?

— Estou só a constatar um facto. — Arik apontou para o trono de Perséfone. — E a lembrar-te, senhor, de que não há nada pior do que permitir que um Skotos conheça uma fraqueza tua.

Hades estreitou o olhar e riu-se novamente.

— Há muito tempo que alguém não se atrevia a tamanha audácia na minha presença. Olha à tua volta, Skotos. Não vês os restos das pessoas que me arrelharam?

— O meu nome é Arik e vejo tudo, incluindo a beleza e o conforto do

palácio que ocultas atrás desta fachada de morte. Mas pergunto-te: de que adianta ameaçar alguém que não pode sentir medo?

Hades assentiu com a cabeça.

— Bem visto. Então, conta-me... Arik, que negócio queres fazer comigo?

— Quero viver no mundo dos humanos como um deles.

Hades estalou a língua.

— Isso não é muito fácil, meu caro. Nenhum deus nascido no Olimpo pode viver na terra por muito tempo.

— Mas podemos viver por um tempo. Eu ia para lá agora, mas não valeria a pena porque apenas poderia testemunhar o que está ao meu redor e não experimentá-lo. É a experiência que eu procuro.

— E de que serviria essa experiência se a esquecerias logo que voltasses?

O que o deus não sabia era que Arik não o esqueceria. Ele recordaria tudo e queria essas lembranças. Ao contrário de M'Ordant e muitos dos outros, Arik não tinha conhecimento de emoções ou sensações reais — tinham-lhe sido retiradas há tanto tempo que se tinha esquecido completamente do que era sentir. Queria saber quão intensas podiam ser essas sensações quando não estavam bloqueadas pela maldição.

— Importa assim tanto saber porquê?

Hades considerou a pergunta por um momento. Cruzando os braços sobre o peito, franziu o cenho.

— O preço teria de ser elevado.

— Não esperava nada menos. Qual seria?

— Uma alma. Uma alma humana.

Isso era bastante fácil. Tomar uma vida humana não o preocupava. Os humanos viviam de forma finita e muito poucos apreciavam a beleza da existência humana. Já ele saborearia o seu curto tempo como um deles.

— Feito.

Hades estalou a língua.

— Caramba, que ingênuo. Aceitaste demasiado depressa. Não quero uma alma qualquer.

— Então?

— Quero a alma da mulher que te levou a fazeres um pacto com o diabo. Ela deve ter uma alma magnífica para vires aqui e negociares comigo, o mais desdenhado dos deuses.

Arik vacilou. Não pelo que sentia por Megeara, mas por não saber se estaria satisfeito quando fosse obrigado a voltar.

— E se não puder cumprir a minha parte?

— Serás tu a sofrer no lugar dela. Se não ma entregares, mato-te como

homem e levarei a tua alma para Tártaro. A dor que sentiste até à data não será nada comparada com o que sofrerás então. E antes que o reconsideres, lembra-te de que já aceitaste. Não há volta a dar. Temos negócio fechado.

— Quanto tempo me dás?

— Duas semanas e nem um dia mais.

Arik não teve tempo de se preparar antes que uma estranha escuridão o cobrisse. Um momento antes estava no meio da sala do trono de Hades e no seguinte estava num ambiente húmido.

Era água...

E ao contrário dos seus sonhos, o seu corpo era pesado. De chumbo. A água entrava-lhe pela boca e pelo nariz, fazendo-o engasgar-se à medida que lhe invadia os pulmões que não estavam habituados a respirar. Tentou nadar, mas a água era demasiado densa. Parecia querer puxá-lo para o fundo do mar.

O pânico consumiu-o. Não havia nada que pudesse fazer.

Ia morrer afogado.

Capítulo
TRÊS

— **GEARY**, rápido! Há um corpo na água!

Oh, meu Deus. Quem teria Thia atacado agora?

Arreliada, Geary desviou o olhar das notas de Tory quando Justina a chamou. A assistente de Geary apontava para o exterior do barco. Geary apressou-se a averiguar, entregando o bloco de apontamentos a Tory. Havia de facto alguém aflito na água. E parecia que estava a perder rapidamente a batalha.

— Christof! — gritou Geary ao capitão do barco. — Precisamos...
— Deteve-se quando o corpo foi engolido pelas águas famintas.

Não havia tempo.

Com o coração a latejar de adrenalina, Geary tirou os sapatos e saltou da embarcação. A temperatura gélida da água surpreendeu-a quando a cobriu completamente. Batendo as pernas, nadou para cima até irromper na superfície para o poder procurar.

Apesar de a água ser cristalina, Geary teve dificuldade em encontrar o homem. Mergulhou, emergiu para respirar e voltou a mergulhar para o procurar. Felizmente, era uma nadadora forte formada em primeiros socorros e instrutora de mergulhadores. O que não era de maravilhar, tendo em conta que era uma mergulhadora perita em resgate. Tinha de ser tão ágil na água como um peixe.

Só desejava ter tido tempo de pegar no equipamento antes de procurar pelo homem. Se não o encontrasse depressa, estaria morto, tendo em conta o tempo que já se mantivera debaixo de água.

Geary sentia os pulmões doridos de sustar a respiração quando mergulhou uma vez mais. Sentia os ouvidos a zumbirem e a estalarem com a força da pressão, ao mesmo tempo que era assombrada por imagens do homem a afogar-se.

Tinha apenas vinte anos quando o pai de Tory se afogara a poucas milhas daquele mesmo local. Imagens do seu pai a tentar salvar a vida de Theron revisitavam-na, agora que recordava como o pai mergulhava desesperadamente por ele. Como o pai tinha tirado Theron da água, fazendo o possível para o ressuscitar.

O momento tinha sido horrível e a última coisa que ela queria era revivê-lo.

Vamos. Não se atreva a morrer. Onde está?

Abrandou e virou-se para flutuar no mar. A luz refletia-se e dançava na água verde e azul, incidindo em vários peixes e algas, mas não havia sinais do homem por quem procurava.

— *Olha para baixo.*

Geary ficou intrigada com a voz estranha na sua cabeça, sem compreender de onde viria, mas sem conseguir deixar de lhe obedecer. Olhando para baixo, localizou-o mesmo por baixo dela. Embora o homem tentasse nadar, estava a afundar rapidamente...

O seu comprido cabelo negro dançava na água enquanto as borbulhas flutuavam ao seu redor e ele movia as pernas e braços tentando subir.

Aliviada por tê-lo encontrado, mas receosa de que fosse demasiado tarde, dirigiu-se a ele com a rapidez possível. Colocou-se atrás dele e puxou o seu corpo, batendo as pernas para juntos emergirem.

Meu Deus! Aquele homem era enorme e rijo. Quase sem gordura no corpo, mais parecia uma âncora na água. Foi com muito esforço que Geary conseguiu fazê-los emergir.

Quando subiram à superfície, ambos cuspiam e tossiam.

— *Aguente-se — disse-lhe ela. — Está a salvo.*

Geary esperava que ele se debatesse contra ela. A maioria das vítimas fazia-o.

Mas ele não. Manteve-se quieto nos braços dela como se confiasse completamente nela.

Justina e Teddy já estavam na água preparados com um salva-vidas. Juntos, prenderam o homem no arnês e começaram a içá-lo, seguindo-o para a embarcação.

Quando Geary conseguiu regressar ao *Simi*, observou o homem desconhecido estendido no convés, coberto com uma manta, enquanto Thia lhe fazia respiração boca-a-boca. Geary não conseguia ver o rosto do homem porque Thia lhe bloqueava a visão.

— Está morto? — perguntou Geary, aproximando-se deles, consumida de preocupação.

Precisamente no momento em que Geary chegou junto dele, a vítima expeliu uma golfada enorme de água. Engasgado, voltou-se rapidamente de lado e começou a tossir e a sacudir-se enquanto Thia lhe batia nas costas para o ajudar a limpar os pulmões. A sua pele molhada era bronzeada e perfeita, à exceção das marcas profundas cravadas nas costas. As cicatrizes eram antigas, mas suficientemente proeminentes para que Geary imaginasse a dor que devia ter sentido ao recebê-las. Fizeram-na pensar na maneira como os marinheiros eram castigados na antiguidade.

Por que motivo um homem moderno trairia tais cicatrizes? Quem o teria agredido assim e porquê?

E não usava mais do que um par de finas calças brancas que lhe estavam coladas ao corpo... e que mostravam absolutamente tudo, incluindo o facto de ser bem dotado em determinado departamento.

Mais valia estar nu.

— Ora aqui está um homem que não acredita em roupa íntima, hã? — comentou Justina num tom destinado apenas a Geary, enquanto prendia o cabelo. — Não é que não esteja grata. Ele tem o traseiro mais jeitoso do planeta. Não admira que a Thia se tenha oferecido para o boca-a-boca. Não me importava de reanimar aquele corpo.

Apesar de Geary concordar mais ou menos com aqueles comentários, nada disse quando Tory lhe colocou uma manta sobre os ombros.

— Mas que rico peixe pescaste — disse Christof trazendo mais mantas para eles. Entregou uma a Justina e outra a Teddy.

Ignorando-o, Geary ajoelhou-se junto da pescaria. O homem apoiava-se num braço forte enquanto continuava a respirar dolorosa e entrecortadamente.

O seu cabelo negro e emaranhado caía molhado sobre o rosto, ocultando-o dela e dos outros. Os tendões das suas mãos eram bem definidos e belos, deixando-a curiosa quanto ao aspeto do seu rosto.

Estaria marcado com cicatrizes como as suas costas ou seria impecável e belo como o resto do corpo?

— Sente-se bem? — perguntou-lhe ela em grego. Já que estava no Mar Egeu, era possível que ele entendesse melhor o grego do que outra linguagem.

Ele assentiu, continuando a tossir para expulsar a água do seu corpo. Era como se não soubesse como usar os pulmões.

Respirando com dificuldade, ele levantou a cabeça para a observar através das mechas molhadas do seu cabelo. E assim que os seus olhos se

cruzaram, Geary ofegou e lutou contra a urgência de se benzer quando reconheceu os intensos olhos azuis dos seus sonhos.

Não era possível...

Não era possível e, contudo, ali estava ele diante dela em toda a sua glória despida. Conhecia bem aqueles lábios perfeitos e sardônicos. O traço escuro das suas sobrancelhas sobre uns olhos de um azul tão pálido que irradiavam. Conhecia aquela mandíbula forte, salpicada de barba. Tinha-a mordiscado a gosto durante horas sem fim.

Contra todas as probabilidades, *era ele*.

Algo quente e ansioso atravessou-a como uma agulha afiada enquanto lutava contra o impulso de lhe tocar para se certificar de que ele estava realmente ali.

Arik não podia fazer mais do que olhar fixamente para Megeara. Ela era ainda mais bela na realidade do que tinha sido nos seus sonhos. Aqueles profundos olhos azuis cativavam-no através das mechas do seu cabelo loiro e molhado. A sua pele pálida pedia o seu toque tanto quanto os seus lábios semiabertos imploravam um beijo seu.

Arik começou a aproximar-se daqueles lábios, mas tossiu ainda mais ao respirar, ainda de peito dorido. O corpo sacudia-se descontroladamente, assaltado por sensações e emoções incrivelmente intensas. Até o piar dos pássaros que o sobrevoavam pareciam perfurar-lhe os ouvidos — o zumbido do oceano. E o calor do Sol na sua pele... queimava. Nunca se tinha sentido tão descontrolado. Por que motivo o seu corpo não lhe obedecia?

Por que raio não conseguia parar de tossir e de tremer?

Esperava que Megeara lhe batesse nas costas como a sua companheira. Mas o toque de Megeara foi suave quando lhe bateu ligeiramente para o ajudar a expelir a água daquele corpo agora humano.

Então começou a massajar-lhe as costas em movimentos circulares. Sentiu-se percorrido por calafrios e um agradável calor, que era simultaneamente inimaginável. O calor do Sol não era nada, comparado com aquela sensação abrasadora.

Ninguém o tinha tocado com tamanha gentileza e nunca tinha sentido um toque daqueles, não diretamente na pele. Tudo o que queria era puxá-la para os seus braços e mordiscar os tensos mamilos que eram tão visíveis através da camisa branca molhada de Geary.

Se ao menos o seu corpo lhe obedecesse.

— Acho que está a entrar em choque — disse Megeara aos outros. — Tragam-me mais mantas.

Outra mulher puxou Megeara.

— Deixa-me ver.

— Não! — grunhiu ele, alcançando a mão de Megeara para que se

mantivesse a seu lado. Não tinha chegado tão longe para a perder novamente.

Megeara cobriu-lhe a mão com a sua numa carícia suave.

— Está tudo bem. Tenha calma.

Geary pegou numa manta oferecida por uma jovem mulher de óculos e colocou-lha por cima.

Arik fechou os olhos e saboreou a breve sensação das mãos dela nos seus ombros. A sensação da pele dela na sua... era eletrizante. Quente.

Se ao menos conseguisse deixar de tremer.

Geary não sabia bem o que fazer. Trocou um olhar sério com Althea, a médica a bordo.

— Preciso de o examinar e certificar-me de que ele está bem — disse Althea em inglês.

Geary assentiu.

— Eu sei.

— Ficarei bem em poucos minutos — interveio o desconhecido numa pronúncia inglesa perfeita. A sua voz era tão profunda e ressonante que literalmente ecoava. Aqueles olhos intensos e predatórios perfuravam-na. — Mas não me deixe.

Geary deu consigo a assentir, embora o tom possessivo da ordem lhe desse vontade de fugir. Não estava na sua natureza deixar que alguém lhe dissesse o que fazer, mas naquele caso, havia algo de estranhamente atraente nele. Fascinante.

Honestamente, ela não queria deixá-lo. E isso assustava-a.

Com o coração a bater desenfreadamente, usou um canto da manta como toalha para lhe secar o cabelo, afastando-o depois do rosto que era verdadeiramente perfeito.

— Prefere que falemos em inglês ou grego? — perguntou-lhe.

— Tanto faz.

Ena. Ele era bilingue. Estava extremamente exposto e a imagem dele com aquelas calças coladas como uma segunda pele inspiraram-lhe as mais travessas imagens. Nos seus sonhos, estaria a fazer o que queria daquele corpo e prová-lo-ia centímetro por centímetro.

Pronto, não era bem *aquele* corpo. Nos seus sonhos, não havia cicatrizes. Mas era um corpo suficientemente parecido com o outro para evocar um fervoroso calor nas suas entranhas.

Geary limpou uma gota de água do rosto dele com a manta.

— O que aconteceu?

Ele desviou o olhar.

— Não sei.

Thia riu-se para ela com malícia.

— Bom, não é todos os dias que se pesca um deus meio nu do mar, pois não? Ainda bem que voltei depressa das compras. Valeu mesmo a pena.

O homem virou a cabeça repentinamente e dedicou-lhe um olhar feroz. Era evidente que aquelas palavras o tinham irritado.

— Thia? — disse Geary num tom cortante. — Importas-te?

Thia revirou os olhos.

— Está bem. Veremos se eu lhe salvo a vida da próxima vez que se afogar.

Dando meia-volta, desceu para as cabines. Christof deu um passo adiante.

— Devíamos informar as autoridades.

Os olhos azuis de Arik acusaram uma fúria ainda maior.

— Não! — O seu tom era firme e de ordem. — Nada de autoridades.

Teddy franziu o sobrolho e trocou um olhar com ela.

— Porquê? Está fugido deles?

— Não. Só que não quero ser interrogado quando não me lembro de nada.

Christof semicerrou os olhos.

— Sabe como se chama?

Ele hesitou.

— Arik.

— Arik quê?

Ele ergueu o olhar para Geary com uma confusão que a comoveu.

— Não me lembro.

Geary inclinou a cabeça, sem saber o que pensar. Algo dentro de si lhe dizia que ele estava a mentir, mas não sabia dizer sobre quê.

— Bateu com a cabeça?

Ele assentiu.

— Pode ter amnésia — disse Tory. — Se caiu de um barco, pode ter sido abalroado por ele. Ou talvez tenha sido agredido e atirado borda fora. Podem ter sido piratas.

— Não está magoado — contrapôs Christof. — E não há atividade pirata por aqui há centenas de anos.

— Sim, foi apenas uma sugestão. Estão sempre a acontecer coisas estranhas. Sabias que houve sessenta e cinco ataques-piratas a navios civis só no último ano? E seis contra a Guarda-Costeira dos Estados Unidos. Um grupo até tentou abordar um cruzeiro.

Ignorando as estatísticas de Tory, Geary pousou a manta nos ombros de Arik.

— Qual é a última coisa de que se lembra?

— Eu... não sei.

Geary foi acometida por uma sensação cálida enquanto o observava. Aquele momento era tão surrealista. Não podia acreditar que estivesse a olhar para... Arikos.

Era apenas um sonho, mas o homem diante dela era uma cópia exata. Uma cópia chamada Arik.

Poderiam eles possivelmente...

Não sejas estúpida.

Era apenas uma estranha coincidência. Talvez algum tipo de premonição.

Corou perante a possibilidade. Bom, não *esse* tipo de premonição. Não estava prestes a saltar nua para uma piscina de chocolate com aquele homem.

— Certo — disse ela em voz baixa. — Teddy, leva o Arik para baixo e arranja-lhe alguma roupa.

Arik ia protestar, mas deteve-se. Megeara estava inquieta. Conseguia senti-lo. Se a pressionasse muito, ela acabaria por se afastar.

Essa era a última coisa que ele queria.

Não, tinha de avançar com cuidado para conquistar a sua confiança. Ele estava ali, no seu mundo. E teria bastante tempo para a seduzir em breve. Para já, era melhor fazer-lhe a vontade.

Arik levantou-se lentamente, sem desviar o olhar do dela. Quando uma onda investiu contra o navio, Arik balançou ligeiramente e quase perdeu o equilíbrio.

Megeara avançou, apoiando-o com as mãos.

Arik fechou os olhos sentindo o calor daquele contacto queimar-lhe cada nervo. Não havia nada comparável à sensação do contacto humano — daquelas mãos delicadas na sua pele — e mal podia esperar por sentir essas carícias na parte dele que estava dura por ela.

Baixou a cabeça para poder inalar a sua essência doce e feminina de mulher ao ar livre, misturada com um ligeiro toque de perfume. Era inclusive mais inebriante do que nos seus sonhos e ele queria impregnar-se daquele aroma.

Mais do que isso, queria senti-lo nos seus lençóis e na sua pele. Absorvê-la durante horas até ficar completamente satisfeito.

Geary retesou-se à sensação de respiração quente de Arik na sua pele húmida. O que teria aquele estranho de especial que fazia com que todo o seu corpo se incendiasse?

Afastou-se dele com dificuldade, embora quisesse manter-se por perto daquele magnífico corpo escultural.

Os olhos dele revelavam o seu desejo quando a fitou novamente, reparando na sua atitude.

— Não tenha medo de mim, Megeara — ronronou. — Nunca lhe faria mal.

Só quando ele abandonou o espaço, é que Geary se deu conta de que ele lhe tinha chamado um nome que ninguém usava.

Capítulo

QUATRO

ARIK encolheu-se de desconforto quando sentiu as calças de ganga a deslizarem-lhe pelas pernas nuas. A aspereza do tecido era difícil de suportar. Como conseguiam os humanos fazê-lo?

O homem, Teddy, tinha-lhe emprestado uma camisa branca e umas calças. Mas a textura de ambas as peças era pesada e abrasiva. As roupas que Arik usava não tinham peso ou textura. Pelo menos, nenhuma que pudesse sentir, e nos sonhos... bom, como era um Erotikos Skotos, a roupa raramente era necessária, já que só atrapalhava a experiência de outras sensações mais agradáveis.

Depois de apertar as calças, pegou na rígida camisa branca e, ao mesmo tempo, a porta abriu-se de repente. Parou e viu Megeara à entrada, que mais parecia um cachorrinho encharcado. Os calções caqui davam-lhe pelos joelhos. Usava uma camisa branca larga e solta que a fazia parecer algo carente de forma. Ou sê-lo-ia se não estivesse molhada. Assim, revelava muito do seu corpo exuberante.

Neste reino, ela ocultava completamente as voluptuosas curvas que ele conhecia. Até o seu espesso cabelo loiro estava afastado severamente do rosto, preso num rabo-de-cavalo austero.

Mas o rosto era o mesmo. Aqueles olhos inteligentes, argutos e cristalinos, de forma amendoada que absorviam o mundo ao seu redor. O polvilhar de sardas sobre a ponte do seu nariz. E os lábios...

Tinha passado noites inteiras a beijar aqueles lábios luxuriosos. A

vê-los dançar na sua pele quando o mordiscava e o provocava até ambos ficarem cegos de êxtase.

A lembrança desses momentos e a visão dos mamilos dela apertados contra a camisa fizeram com que todo o seu corpo ardesse de desejo.

— Como sabe o meu nome? — perguntou ela num tom zangado que revelava uma nota de apreensão.

Arik hesitou quando sentiu o receio nas palavras dela. Teria de avançar com cuidado para conseguir o que queria dela. Não sabia muito sobre o mundo dos humanos, mas sabia pelos sonhos que anfitriões assustados não se permitiam tocar. Por isso fazia sentido que fossem igualmente assustadiços neste reino. Se a queria na sua cama, teria de conquistar a sua confiança.

— Disse-me. — Não era propriamente uma mentira. Ela fornecera-lhe a informação na noite em que se conheceram, banhados em chocolate.

— Não. Não disse. Ninguém me chama Megeara. Ninguém.

— Como lhe chamam então?

— Geary.

— Então, seja Geary.

— Sim, mas isso não explica como sabia o meu nome se eu não lho dei.

— Se calhar, sou adivinho. — A ideia era fazer uma piada, mas pela expressão dela, percebeu que não tinha achado a retorta divertida.

— Não acredito em adivinhos.

— Então como explica isto?

Geary semicerrou os olhos. Ele estava a brincar com ela e ela não estava a achar piada nenhuma.

— Eu conheço-o? Já nos cruzámos?

Arik hesitou antes de responder.

— Não precisa de ter medo, Megeara. Já nos cruzámos, sim. Há alguns anos, quando estava a dar uma conferência em Vanderbilt.

Geary franziu o sobrolho, recordando o evento perfeitamente. Tinha sido a sua primeira conferência de sempre... Estava incrivelmente nervosa. Tanto que tinha tropeçado ao dirigir-se para o palco, deixando cair as páginas e apontamentos à frente de todos, passando dez minutos, completamente corada, a tentar juntá-los novamente. A meio da leitura, percebeu que uma das páginas tinha caído para baixo do púlpito de madeira e tiveram de parar tudo outra vez para a recuperar.

O evento tinha-a deixado humilhada e as pessoas riam-se todas dela. Depois desse fiasco, tinha tido sorte em ser convidada para falar novamente.

— Não me lembro de si.

— Estava no público. O Dr. Chandler apresentou-nos depois, mas

não chegámos a conversar. Parecia um pouco envergonhada até que o Dr. Chandler a levou para a apresentar ao seu velho professor de faculdade.

Geary recordava-se vagamente dessa parte, o que prestava alguma credibilidade ao seu argumento. Era verdade que ela tinha estado preocupada a tentar resgatar a própria dignidade no encontro... mas um homem assim tão bonito teria ficado gravado na sua memória.

Um sorriso zombador curvou a boca de Arik.

— Deixou-me bastante impressionado.

Geary conteve uma gargalhada. Sim, claro. Um tipo como ele ia-se lembrar de uma totó com excesso de peso que acabara de passar a maior vergonha da vida dela?

— Custa-me a crer.

Mas o intenso olhar de Arik não estava divertido. Apenas sincero.

— Não devia. É verdade.

Geary franziu o sobrolho, procurando lembrar-se dele naquele dia, mas estava tão perdida que era perfeitamente possível que se tivessem conhecido e se tivesse esquecido disso.

— Porque estava lá?

— Estudava Antropologia. Perguntei-lhe coisas sobre a Atlântida e foi bastante antipática em relação ao tema.

Um sorriso enorme abriu-se no seu rosto e estendeu-se ao olhar.

Geary ainda estava um pouco cética, mas fazia algum sentido. Era bem capaz de perder a cabeça só por lhe ter perguntar sobre a Atlântida. E explicaria também que o tivesse bloqueado completamente da memória.

Talvez fosse por isso que ela andava a sonhar com ele ultimamente. O seu subconsciente podia ter-se lembrado dele e do seu desejo de encontrar a Atlântida.

— Enfim, é por isso que estou aqui. Tal como você, quero encontrar a Atlântida.

Geary ficou rígida.

— Quem disse que ando à procura da Atlântida?

— É uma americana com uma equipa no Mar Egeu, a bordo de um navio equipado para buscas. Que mais poderia ser?

— Posso andar à procura de algum artefacto antigo.

— Então porque usa uma antiga moeda atlante pendurada ao pescoço?

Geary cobriu a peça com a mão. Mandara montar a moeda num pendente um mês depois da morte do pai para se lembrar da promessa que lhe tinha feito. Mas o que mais a confundia era o facto de a escrita estar no reverso. A face visível a Arik era a imagem de um sol atravessado por três raios.

— Como sabe isso?
— Essa moeda tem o símbolo de Apollymi Magosa Fonia Kataastreifa.

— Apollymi quem?
— A deusa atlante da sabedoria, da morte e da destruição. Mas a maioria dos Atlantes chamava-lhe Apollymi Akrakataastreifa. Apollymi, a Grande Destruidora.

Não havia maneira de ele saber aquela informação. A menos que tivesse visto o misterioso símbolo em qualquer lugar.

— Onde viu o símbolo? Como sabe o que significa?
— Descendo de uma família grega muito, muito antiga. Não há nada a respeito desta zona que eu desconheça. Nada. E sei que mesmo que encontre a Atlântida, nunca conseguirá autorização para escavar.

Era bem verdade. Há anos que tentava conseguir a autorização. Mas ali ela era uma *persona non grata*.

Arik semicerrou os olhos.
— Permita-me ficar a bordo deste navio como membro da sua equipa, que eu conseguirei qualquer autorização de que precise.

— Está a mentir.
Arik negou com a cabeça.
— Tenho mais contactos aqui do que possa sonhar. *Literalmente*.
— E como posso confiar em si?
— Como pode não o fazer? Sou a única esperança que tem de obter aquilo que mais deseja.

Geary detetou um estranho duplo sentido no comentário.
— Não confio em si. Como pode conseguir as minhas autorizações quando não se lembra do seu próprio nome?

— Já lhe disse o meu nome.
— Arik e nada mais.
Arik sorriu para ela antes de arriscar.

— Arik Catranides — revelou ele, usando o sobrenome humano de Solin. Era um passo arriscado, dado a imprevisibilidade de Solin, mas o irmão devia-lhe um favor, e se não cooperasse, Arik matava-o.

Geary fitou Arik com alguma desconfiança. Durante mais de cinco anos tinha sido enterrada de tal maneira em papelada pelo governo grego que se sentia como um pequeno carro de plástico preso num interminável circuito de frustração. Não conseguira avançar para lado nenhum e tinha a sensação de que se tinha despistado de vez.

Seria possível que ele conseguisse as tão desejadas autorizações?
Não. Claro que não. *Nada conseguirá movê-los e sabes bem disso*. Só precisava de provar a fanfarronice do homem e vê-lo partir.

— Muito bem, se quer provar que é capaz, arranje-me as autorizações. Mas só entrará a bordo desta expedição se eu conhecer o homem que as concede e o vir a assinar o papel com a própria mão. Não quero uma falsificação que me leve à prisão.

— Nada de falsificações. Pode confiar em mim, Geary. Prometo-lhe.

Ainda não completamente convencida de que pudesse nem devesse confiar, Geary sorriu com alguma apreensão e voltou-se para sair. Antes que saísse completamente, Arik deteve-a delicadamente. Ela esperou que ele dissesse alguma coisa. Mas ele apenas ficou a olhar com uma expressão irresistível, simultaneamente incrédula e devoradora. Nenhum homem a tinha olhado daquela forma.

Pensando bem, Geary fazia a maior parte dos homens parecer muito pequenos, graças à sua altura, e embora não fosse horrível, não era magra ou bela. Era mediana e homens como Arik não estavam interessados em mulheres como ela.

Exceto nos seus sonhos...

Seria aquele dia apenas uma ilusão? E se estivesse a sonhar?

Arik queria dizer-lhe que estava ali por ela e apenas por ela. Queria que ela soubesse o que ele tinha feito para poder estar ali, mas pelo que sabia dos humanos, Geary não reagiria bem a essa informação. Sobretudo a parte em que tinha trocado a alma dela pelo privilégio.

Mas assim que lhe tocou, ficou sem palavras. Queria saboreá-la, abraçá-la.

Geary arqueou uma sobrancelha à espera que ele falasse.

Quero-te comigo, Megeara. As palavras estavam-lhe na ponta da língua. Queimavam com a urgência de serem proferidas. Mas dizê-las custar-lhe-ia precisamente aquilo que ele procurava alcançar.

— Preciso de contactar o meu irmão.

— Muito bem — disse ela brandamente. — Poderá vê-lo quando atracarmos.

— Mas eu não sei onde está ou como o encontrar. Preciso da sua ajuda.

O olhar de Geary era novamente de suspeita.

— Por favor, Megeara.

— Geary — corrigiu ela entre dentes.

— Por favor, Geary. Tenho de o encontrar.

Ela cruzou os braços.

— Como se chama?

— Solin Catranides.

A linguagem corporal de Geary continuava a denunciar hesitação.

— Espero bem que isto não seja uma patranha, entendido?

— Não é uma patranha.

Mas o olhar de Geary ainda acusava desconfiança.

— Muito bem. Fique aqui que eu aviso-o quando tivermos entrado na marina.

— Ficarei à espera.

Geary não tinha dúvidas disso. Lançando-lhe um olhar de advertência, Geary saiu e fechou a porta atrás de si. Só então conseguiu respirar novamente.

O que ia fazer agora? Ele estaria a falar a sério quanto à capacidade de ajudar? Ou seria apenas um embuste?

Sem saber muito bem no que acreditar, dirigiu-se para o convés, onde Brian e Teddy conversavam.

— Está tudo bem? — perguntou Brian quando ela se juntou a eles.

— Acho que sim... Oh, sei lá. O nosso novo passageiro afirma que pode ajudar-nos a conseguir as autorizações.

Teddy riu-se com incredulidade.

— O quê? É Zeus? Conhece os deuses pessoalmente? Não leves a mal, mas seria a única forma de conseguirmos qualquer tipo de autorização.

Brian assentiu.

— Sou obrigado a concordar com o Teddy. Isto começa a parecer um caso perdido. Acho que vou ter de retirar o meu financiamento.

O estômago de Geary contraiu-se. Embora fosse coproprietária da empresa de resgate do pai, tinha tanto dinheiro enterrado que não conseguiria o financiamento necessário para aquelas viagens de verão.

— Vá lá, Brian.

— Lamento muito, Geary. É muito dispendioso e agora nem as autorizações conseguimos.

Eles nunca tinham tido autorizações. Pelo menos legais.

— Pode dar-me mais um dia? O Arik jura que o irmão pode ajudar-nos.

Teddy troçou do comentário.

— E quem é o irmão dele? O Rei Constantino?

— Um tipo qualquer chamado Solin Catranides.

Brian ficou boquiaberto. Geary sentiu-se inundar de esperança.

— Conhece-o?

— O playboy multimilionário? Sim, já ouvi falar dele. Mas nunca consegui aproximar-me o suficiente para o conhecer. Está sempre rodeado por um harém de mulheres com o sonho de se tornarem a sua próxima amante.

Geary franziu o sobrolho. Não lhe parecia corresponder a um homem com um irmão à deriva no meio do Egeu.

Por outro lado...

— Sabe onde podemos encontrá-lo?

— Posso fazer algumas chamadas e ver se a minha gente consegue localizá-lo.

Era mais do que suficiente.

— Por favor, faça-o. Quero saber se o Arik está a mentir.

Teddy cofiou o queixo.

— Sabes, pode ser um outro Solin Catranides qualquer.

Ela abanou a cabeça.

— Quantos homens haverá com um nome desses?

— Ei, nunca se sabe — retorquiu defensivamente.

— Sim, mas quais são as probabilidades?

Teddy riu-se.

— Tão boas quanto pescar um tipo nu do mar. — Olhou para Brian.
— Dá que pensar. Não estava bêbado. Por isso, o que se terá passado? Decidiu nadar vinte milhas da costa? Sem barco?

— Oh, cala-te, Teddy — disse Geary a rir-se.

Brian saiu para fazer as chamadas no telefone via satélite e Teddy seguiu-o. Mas ponderando nas questões de Teddy, Geary percebeu que o colega não estava a ser naturalmente sarcástico. Por uma vez, o homem tinha alguma razão.

Porque estaria Arik sozinho no alto-mar? Como teria chegado lá quando era evidente que o homem não sabia nadar?

— Estás bem?

Geary voltou-se e viu Tory atrás dela.

— Não sei. Perguntava-me se devíamos ter deixado o nosso naufrago misterioso na água.

Tory franziu o sobrolho.

— Isso nem parece teu. Porque dizes isso?

— Há algo de estranho a respeito dele, não achas?

— Além do facto de estar quase nu na água?

— Bom... sim.

Tory encolheu os ombros.

— Não sei. Não fui eu quem falou mais tempo com ele. Porque te incomoda tanto?

Geary sorriu.

— Não sei. Talvez esteja um pouco cansada.

— As pessoas só dizem isso quando não estão dispostas a enfrentar o problema que têm em mãos. É como quando perguntas a um tipo o que está a pensar e ele te diz “nada” mas tu sabes que está a pensar noutra mulher e não te quer magoar.

Geary foi apanhada de surpresa com a analogia inesperada.

— É a teoria da Thia.

Geary abanou a cabeça.

— Acho que precisas de te afastar dela antes que ela te corrompa.

— Nah, é demasiado divertido. Ela tem uma visão desajustada sobre tudo. Mas acredito que a teoria que acabo de repetir é um dos poucos pensamentos lúcidos que ela conseguiu.

Geary tinha de concordar.

— Certo, *Doogie Howser*, volta aos teus livros.

— Sabes, isso é o que me dizes sempre quando acerto em cheio com uma observação.

Tory tinha razão, mas Geary não ia deixar que ela o soubesse.

— Põe-te a andar daqui para fora antes que faça um sacrifício humano contigo, Tor. Estou a tentar pensar, ok?

— Está bem. Estarei no piso de baixo a irritar o Scott se precisares de mim.

Rindo, Geary observou a prima a afastar-se. Adorava aquela menina. Havia algo de muito contagioso nela.

Tory passou por Brian que agora entrava. Pela expressão no seu rosto, Geary adivinhou que ele trazia más notícias. Geary atravessou o convés para falar com ele.

— O que aconteceu?

— Aparentemente, Solin é filho único. Não tem irmãos nem irmãs. Ora, nem sequer tem um porquinho-da-índia.

Geary sentiu-se acometida por uma onda de raiva e vitória.

— Eu sabia! Eu sabia que ele estava a mentir.

Geary puxou Brian pelo braço e levou-o pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

— O que está a fazer?

— Vou confrontar o nosso convidado com as novidades e você será a minha testemunha.

Capítulo
CINCO

ARIK estava fascinado com a textura do cobertor na cama de Teddy. Era áspero e irritante. Porque queria alguém sentir aquilo na sua pele? Nem os travesseiros eram o que ele pensara que seriam. Em sonhos, aqueles objetos eram tão suaves como o ar e deslizavam pela sua pele como água quente.

Mas ali... ele tremia.

Era um mundo estranho aquele em que os humanos viviam. Por isso usavam os seus sonhos como forma de escape.

E ele estava cansado de estar ali sem Megeara que se mostrava ainda mais esquiva em pessoa do que nos sonhos. Ele não sabia onde ela estava, mas era hora de a encontrar.

Tinha acabado de alcançar a porta quando esta se abriu tão rápido que sentiu a rajada de ar na pele.

Sentiu-se inundado por uma emoção cálida e doce quando viu Megeara. Pelo menos começara assim, até reparar no olhar de aborrecimento no seu rosto.

— O que foi? — perguntou ele, querendo saber por que razão ela estaria tão irritada agora.

— Solin Catranides é filho único.

Arik riu-se do absurdo daquela afirmação. Como qualquer Caçador de Sonhos, Solin possuía milhares de irmãos. *Literalmente*.

— Garanto-lhe que não é.

Geary apontou para o homem atrás de si.

— Diga-lhe, Brian.

— Telefonei a uma amiga que o conhece. Ela garantiu-me que Solin nunca mencionou qualquer membro da família.

Arik reagiu com um sorriso sardónico.

— Estou certo de que não mencionaria a nossa família a uma mulher quando não é assunto dela. Ponha-me ao telefone com ele.

Geary lançou-lhe um olhar de espanto quando ouviu o tom de ordem que usava. Se havia uma coisa que ela sabia a respeito de Brian, era que não gostava desse tom, tal como ela. Os olhos de Brian demonstravam desprezo.

— Já fiz as minhas indagações.

— E está errado.

Brian atirou-lhe o telefone.

— Então telefone-lhe você, amigo.

— Não sei o número.

— Então está tramado.

— Brian — disse Geary num tom amável, tentando não alimentar a irritação do investidor. Tirou o telefone de Arik e devolveu-o a Brian. — Consegue arranjar-me o número do Solin? Quero ser eu a falar com ele.

Brian arrepanhou o lábio, fitando Arik.

— É irmão *dele*. Ele não devia saber o número?

— Brian, por favor. Ele pode telefonar para qualquer número na Grécia e a pessoa que o atender pode fazer-se passar pelo Solin. Quero certificar-me de que estou a falar com a pessoa certa.

O rosto de Brian amenizou-se quando comprovou a razoabilidade da proposta de Geary.

— Muito bem.

Pegou no telefone e marcou o número. Passados alguns minutos, tirou uma caneta e papel do bolso e anotou um número. Desligou o telefone e passou-lhe a informação.

Geary franziu o sobrolho.

— Tem a certeza de que é este?

— É o único Solin Catranides que conheço. Resta saber se é ou não o irmão deste desconhecido.

— Certo.

Geary marcou o número e esperou enquanto Arik os fitava a ambos com uma expressão presumida.

Ao sexto toque, um homem com um profundo sotaque britânico atendeu em grego. Geary mantinha-se concentrada em Arik que lhe retribuía o olhar com uma expressão estoica no seu belo rosto.

— É o Solin Catranides?

— Não. *Kyrios* Catranides não está disponível neste momento. Se

quiser deixar o nome e um contacto, acrescentarei a sua mensagem às outras.

Seria possível ser mais presunçoso? O homem devia ser professor de arrogância numa escola de mordomos... para pós-doutorados.

— É uma emergência... — insistiu ela.

— Dizem todos o mesmo, *thespeneice*. Sem ofensa. O senhor não deseja ser incomodado por ninguém esta tarde.

Geary fixou os olhos em Arik, esperando que se descaísse e lhe mostrasse se estava a mentir ou não.

— Nem pelo seu irmão?

— Perdão? — A presunção depressa se desfez, sendo substituída pela incredulidade.

— Tenho um homem à minha frente que diz ser seu irmão.

Agora o seu tom era completamente liso.

— O senhor não tem irmãos, *thespeneice*.

Antes que ela pudesse responder, Arik tirou-lhe o telefone das mãos e falou numa língua que ela desconhecia. Parecia baseada no grego mas era algo completamente diverso.

Arik lançou um novo olhar presumido a Brian e, depois, a Megeara. Estava a ficar cansado daquela desconfiança... não que não a merecesse. Mas incomodava-o, o que era uma emoção interessante. Não gostava. Era muito... incomodativa.

— Ele vai já atender.

Dois segundos depois, Solin respondeu num tom de voz zangado.

— Isto é uma brincadeira? — perguntou ele na linguagem que só os deuses conheciam.

Arik respondeu da mesma maneira.

— Não, Solin, não é. Preciso da tua ajuda.

— Se fores quem dizes ser e porque estás a usar a minha língua nativa, não tenho dúvida de que sejas meu parente, mas por isso mesmo não precisas da minha ajuda.

— Preciso, sim. Estou preso no plano humano por duas semanas e sem os meus poderes. Preciso da tua ajuda até poder voltar para casa.

— Eu...

— Não te atrevas a negar-ma — disse Arik cerrando os dentes. — Por culpa tua tornei-me um Skotos. Se não me ajudares agora, prometo-te que nunca mais dormirás descansado. Passarei o resto da eternidade sincronizado apenas contigo. Sempre que fechares os olhos, eu estarei lá... a dar cabo de ti.

— Ora, mas que ameaça...

— Não é uma ameaça, apenas uma promessa.

Solin fez uma pausa antes de voltar a falar.

— Para que conste, eu levo essas *promessas* muito a sério.

— E eu não as faço levianamente. Se duvidas de mim ou da minha capacidade, pergunta ao M'Ordant quem sou e do que sou capaz. Já não sou um Oneroi inerte que converteste há alguns séculos. Quero a tua ajuda, Solin. Sei que ajudar alguém é contra a tua religião, mas esquece isso e ajuda-me.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio como se Solin estivesse a pensar.

— Se estás aí como humano, suponho que negociaste com um deus. Quem foi?

Não havia necessidade de lhe ocultar o sucedido. Se ele realmente o quisesse saber, não demoraria muito tempo a descobri-lo.

— Hades.

Solin bufou.

— Fizeste um pacto com o Hades? Estás louco?

— Estava bem da cabeça e sob controlo quando era Oneroi. Mas alguém mudou isso. O que sou hoje é um mistério para qualquer um, até para mim.

Seguiu-se mais um momento de silêncio.

— Muito bem — respondeu Solin por fim. — Não faço disto um hábito, mas despertaste a minha curiosidade. O que precisas de mim?

— Necessito de uma autorização para uma arqueóloga americana procurar pela Atlântida.

Solin desatou às gargalhadas.

— Agora sei que estás louco. Encontraram mesmo o local?

— Isso importa?

— Neste plano de existência, sim. Se comesças a vasculhar por ali, vais incomodar pessoas que é melhor ficarem quietas.

— Já que os dias dos humanos estão contados, não me parece que isso vá ser um problema. Deixa-a ter um pouco de emoção antes de morrer. Que mal há nisso?

Solin deixou escapar um brusco suspiro entre os dentes.

— Não me digas que o fizeste.

— Não fiz o quê? — perguntou Arik.

— Prometeste um intercâmbio de almas ao Hades. Tiveste coragem, tenho de o reconhecer.

Arik não sabia se impressionar o irmão era bom sinal ou não, mas ao menos Solin parecia um pouco mais amável.

— Além das autorizações, o que mais queres?

— É só isso. Ela quer conhecer o oficial que as redige para ter a certeza de que não são falsas.

— Precisas disso para quando?
— Quando as consegues?
Seguiu-se mais uma pausa breve.
— Dá-me uma hora para tratar disso. Tenho alguns amigos no governo que me devem uns favores. Só tenho de decidir quem quero intimidar ou chantagear.
Arik olhou para Megeara e falou em inglês.
— Ele precisa de uma hora para obter as autorizações. Pode encontrar-se com ele?
Geary ficou boquiaberta e assentiu.
— Ela vai estar lá.
— Ótimo. Vou buscar-te.
— Porquê?
— Porque tenho de conhecer o deus arrogante e louco cara a cara.
Arik não sabia se havia de se sentir orgulhoso ou insultado. Talvez um pouco de ambos.
— Então permitirei à boa doutora que te dê as indicações — respondeu Arik passando o telefone a Megeara, que ainda estava boquiaberta.
Geary não podia acreditar no que estava a ouvir. Era assim tão simples? Podia nada mais do que uma chamada telefónica providenciar-lhe os papéis por que ela tanto ansiava?
— Olá? *Kyrios* Catranides? — perguntou ela.
— Sim, e você é?
— Dra. Geary Kafieri.
— Prazer em conhecê-la, doutora. Como o meu irmão disse, preciso de indicações para vos ir buscar e tratarmos das suas autorizações.
Geary ainda se sentia um pouco cautelosa. Não estava na sua natureza confiar nas pessoas, sobretudo depois de tantos anos a tentar resolver o que aqueles dois pareciam ter conseguido numa hora.
— Pensei que era filho único — respondeu ela.
Solin não hesitou na resposta.
— Sim e não. Tenho alguns meios-irmãos. Um deles é Arikos. Agora, se me pudesse dar o endereço.
Geary assim fez, embora continuasse à espera que lhe dissessem que aquilo não era mais do que uma brincadeira.
— Muito bem — disse Solin quando ela terminou. — Vemo-nos dentro de uma hora.
— Obrigada.
Solin desligou.
Geary desligou a chamada e passou o telefone ao Brian.

— Ele vai conseguir as autorizações. Acha mesmo que ele pode fazer isso?

Brian encolheu os ombros.

— Se alguém puder, é ele. O Solin move-se nos círculos mais elevados. Incluindo aqueles a que não posso ascender... o que me faz perguntar exatamente quanto dinheiro tem.

Geary olhou para Arik cujo rosto estava perfeitamente impávido.

— E é irmão dele? — perguntou ela.

— Sim.

Brian pigarreou.

— Bom, se conseguir as autorizações, manterei o meu apoio financeiro.

Isso significava muito para ela. Sem o apoio de Brian, não teriam outra opção senão fazer as malas e regressar a casa.

— Obrigada, Brian.

Este inclinou a cabeça e deixou-os sozinhos. Arik ofereceu-lhe um sedutor sorriso.

— Está feliz agora?

— Não sei se feliz é a palavra correta. Eu ainda suspeito de si e dos seus motivos.

Arik estalou a sua língua ante ela. — Depois de tudo isto, como pode continuar a desconfiar de mim?

Estaria ele a falar a sério?

— E censura-me? Ainda não sei quem é e por que motivo ajuda uma pessoa assim sem razão aparente. Porque quereria ajudar-me?

— Porque a acho fascinante. Era tão apaixonada na faculdade e vive uma demanda impossível, tal como eu. Há que admirar isso. Além de que me salvou a vida. Ajudá-la com as autorizações é o mínimo que posso fazer.

Algo no seu olhar cintilava e refulgia enquanto falava. Geary sentia-se como uma serpente perante o seu encantador que a atraía para fora do cesto e em direção a uma autoestrada para ser atropelada por um camião.

— O que quer de mim? A sério — perguntou ela.

— Basta um sorriso. Nada mais.

— Custa-me a acreditar que algo tão simples o possa satisfazer.

O sorriso dele era agora de um encanto cruel.

— Deixava-me feliz por alguns momentos, pelo menos.

Geary não sabia bem o que pensar dele. Por um lado, estava a ajudá-la como ninguém fora capaz de o fazer. Não lhe devia nada e contudo...

Poderia o gesto ser um simples agradecimento por lhe ter salvado a vida? Ele era grego e fazia sentido, afinal. Os gregos tinham um código de

conduta muito exigente no que respeitava ao certo e ao errado. A retribuição era algo que eles praticavam sem vacilar. Talvez estivesse a ser demasiado exigente com ele.

— Muito bem, Arik, lamento muito ter-me irritado tanto consigo. Eu não costumo confiar nas pessoas, especialmente quando não as conheço.

— Consigo compreender isso e realmente conhecemo-nos em circunstâncias muito estranhas.

Um sorriso tímido atravessou o rosto de Geary quando se lembrou do resgate de Arik.

— É verdade.

O rosto de Arik suavizou-se no mais sedutor olhar que ela tinha visto num homem.

— Começamos de novo? — Estendeu-lhe a mão. — Chamo-me Arik Catranides.

Geary apertou-lhe a mão.

— Geary Kafieri, e ainda quero saber como foste parar ao mar.

Ele levou a mão dela aos seus lábios para poder depositar um levíssimo beijo nos nós dos dedos.

— E eu prometo-te que um dia saberás a resposta a esse mistério.

Geary não o sabia explicar, mas os cabelos da nuca arrepiaram-se, prolongando um calafrio pela sua espinha abaixo. A sensação foi seguida pelas lembranças dos sonhos onde Arikos a banhava em creme de chocolate que depois lhe lambia do corpo lenta e brandamente. Mas aquele não era o homem que a tinha seduzido.

Ou seria? Seria possível que o seu subconsciente tivesse retido uma lembrança sua durante tantos anos, recuperada agora que precisara dele?

Não parecia possível. Mas então como explicar a sua presença ali a bordo do barco e o facto de ele estar presente nos seus sonhos nas últimas semanas? Só se se tivesse lembrado dele.

E agora que estava mais calma, havia algo a respeito dele muito suave e pacífico. Algo que a tranquilizava.

Exceto os seus olhos. Pareciam falar com ela. Pareciam omniscientes e poderosos. Indagadores e mortais.

— Então, onde vives exatamente?

Ele não respondeu. Em vez disso, colocou-se atrás dela e envolveu-a nos seus braços. Um gesto que o amante dos seus sonhos tinha feito milhares de vezes.

Geary ficou rígida.

— Quem és tu, Arik? Porque estás aqui?

Arik acariciou-lhe a face com a sua, de maneira que a barba a fez arrepiar-se.

— Queres encontrar a Atlântida, certo? — sussurrou ele ao seu ouvido, à medida que o desejo a incendiava.

— Sim.

— Então que mais importa?

O calor que lhe inundava o corpo, por exemplo. Nunca tinha experimentado nada semelhante. Passara a vida toda a provar o seu valor aos outros. E como a reputação do pai tinha impugnado a sua, fizera os possíveis para que o facto de ser mulher não fosse mais um motivo de chacota dos catedráticos mais elitistas. Assim, dedicara a sua vida a ser uma cientista séria, excluindo tudo o resto.

Mas com Arik era diferente. Ele tratava-a como uma mulher e não se deixava rechaçar pelas suas barreiras protetoras. Ele via-a como desejável. A novidade desse facto deixava-a excitada.

Queria fechar os olhos e reclinar-se contra ele. Levantar e levar a palma ao rosto dele para lhe sentir os movimentos do maxilar. Era o que fazia nos seus sonhos.

Mas aquilo era real e a Dra. Geary Kafieri não tinha tempo para tais jogos. Embora quisesse ficar onde estava, afastou-se.

— Preciso de trabalhar.

Arik cerrou os dentes com frustração. Mas era precisamente aquele poder que o tinha feito cair na armadilha dela. *Quero que fiques...*

O pensamento tinha acabado de lhe sair da cabeça quando ela se voltou para ele com um olhar irritado.

— E eu já te disse que tenho coisas para fazer.

Arik franziu o sobrolho perante o tom.

— Perdão?

— Disseste que querias que ficasse e eu não posso.

Arik inclinou a cabeça.

— Não, não disse. Só o pensei.

— Pois eu ouvi-te muito bem.

— Mas eu não falei — insistiu ele. Como podia ela tê-lo ouvido quando ele não tinha os seus poderes?

Geary não sabia o que pensar. Algo não estava bem. Conseguia senti-lo. Precisava de se afastar dele para pensar.

Sem se despedir, deixou-o e dirigiu-se ao exterior para respirar ar fresco e clarear os pensamentos.

Thia encontrou-se com ela no convés.

— Onde está o Senhor Giro?

— Lá em baixo.

Um sorriso retorcido curvou os lábios de Thia.

— Era aí que eu gostaria de o ter... *em baixo*.

Geary revirou os olhos ao trocadilho quando uma brisa a acariciou e a fez tremer. Ainda tinha a roupa molhada, e já que se iam encontrar com um funcionário grego, era importante trocar de roupa para não o ofender.

— Força, Thia. De certeza que ele ia gostar.

Kat riu-se quando passou por elas.

— Duvido.

Geary franziu o sobrolho ao estranho tom na voz de Kat. Com cerca de um metro e oitenta, ela, tal como Thia, era mais alta do que o resto da tripulação, homens e mulheres por igual. Kat também era claramente grega, com cabelo loiro e uns olhos verdes rasgados. Tinha ingressado na equipa há poucas semanas — logo depois de encontrarem o muro que estavam a tentar tão desesperadamente escavar.

— Sabes alguma coisa a respeito do nosso convidado?

Kat encolheu os ombros com indiferença.

— Não. Porquê?

— Hmmm...

Geary não sabia se havia de acreditar ou não. Havia algo no comportamento de Kat que dizia que talvez estivesse a esconder alguma informação.

— Kat, és mesmo da Grécia, certo?

Ela riu outra vez.

— Nascida e criada. Duvido que alguém seja mais grega do que eu, porquê?

— Achas realmente que este sujeito pode ajudar-nos a conseguir as autorizações?

Kat suspirou.

— Suponho que saberemos em breve.

Mas não suficientemente breve para Geary.

— De acordo. Preciso de mudar de roupa antes de atracarmos. Vem-vos daqui a pouco.

Kat esperou até Geary desaparecer do convés antes de olhar para Thia, que aos dezoito anos tinha uma espantosa semelhança com a deusa Artemisa.

— É verdade, ouvi dizer que o Scott andava à tua procura.

O rosto de Thia iluminou-se.

— A sério?

— Sim. É melhor correres antes que mude de ideias.

Thia não tinha podido ter sido mais rápida se usasse as sandálias aladas de Hermes. O que era definitivamente uma boa coisa.

A sugestão devia manter a ruiva ocupada pelo menos por alguns minutos, de modo que Kat pudesse visitar a última aquisição sem ser incomodada ou, mais exatamente, sem ser ouvida.

Logo que se certificou de que Thia estava fora do caminho, Kat dirigiu-se para o camarote de Teddy onde tinham deixado Arik. Bateu uma vez à porta antes de entrar.

Arik estava junto à janela com os braços cruzados sobre o peito, dedicando-lhe um olhar intrigado.

— Não és a Megeara.

— Não, não sou. Mas quero saber como uma pessoa como tu acabou a bordo deste navio.

— Uma pessoa como eu?

Ela assentiu, aproximando-se dele.

— Alto, de cabelo escuro. Incrivelmente sexy, com uns olhos tão azuis que brilham. Suponho que a pergunta que se impõe é “quem te abençoou”?

— Desculpa?

— Quem é o teu pai? — repetiu antes de explicar. — Morfeu ou Phobetor?

Arik fitou-a desconfiada.

— Quem és tu?

— Katra Agrotera. Mas a maioria das pessoas neste mundo chama-me Kat.

Kat leu o reconhecimento no seu olhar.

— Agrotera?

— Sim — respondeu ela à pergunta que ficou por fazer. Agrotera era um dos nomes associados à deusa grega Artemisa — um nome usado pelas suas servas. A mesma deusa que tinha enviado Kat para observar os progressos daquela equipa. — Sou uma das suas *koris*.

— O que fazes aqui?

— Costumava trabalhar com o pai da Geary de vez em quando, quando os dois não se falavam. Como ela está a aproximar-se um pouco de mais do seu objetivo, a Artemisa achou que devia colocar-lhe alguns entraves.

— E porquê?

— Simples. A Atlântida não pode ser encontrada.

Arik riu-se.

— És a segunda pessoa que me diz isso em menos de uma hora. Porque é tão importante para a Artemisa que a Atlântida fique escondida?

— O motivo não é importante. Acredita quando te digo que não te queres meter nisso... de maneira nenhuma.

Arik não pestanejou nem demonstrou qualquer emoção, o que fazia sentido tendo em conta a sua geração. Mas era tempo de aprender a temer.

Quando falou, o seu tom era baixo e mortal.

— Megeara quer encontrar a Atlântida.

— E o pessoal no inferno quer água gelada. Toda a história da humanidade está escrita por pessoas que querem alguma coisa que não podem ter. Ela há de ultrapassar a desilusão, acredita. — Kat aproximou-se dele lentamente e baixou o tom para que ninguém no corredor pudesse ouvir as palavras que se seguiam. — Mas isso não explica como um Caçador de Sonhos está neste barco, em forma humana. Estou certa de que não vieste a este plano só para ajudar a boa doutora na sua busca.

Arik era mais reservado do que um tesouro inviolável.

— Queria saber o que sentia o ser humano. Isso é crime?

— No Olimpo, pode sê-lo.

— Estás a ameaçar-me?

— Estou a avisar-te que esqueças que ouviste sequer o nome da Atlântida.

— E se não estiver disposto a dar atenção ao teu aviso?

— Oh, isso era muito mau. Muito, muito mau.

Arik dedicou-lhe um duro sorriso.

— O meu corpo está mais que habituado a ser açoitado, menina. E o teu? — Não lhe deu tempo para responder e continuou: — Não podes impressionar ou intimidar alguém que deixará de sentir emoções em poucas semanas. A dor não me assusta porque é tudo o que conheço.

— És um sacana de um masoquista, não és?

— Não é essa a natureza de um Skotos? Aliás, foi a isso que os da tua raça nos condenaram.

Kat fez uma pausa. Era verdade. O que tinham feito aos Oneroi era deplorável e lamentável. Mas isso não alterava o facto de não poder descobrir a Atlântida. Artemisa não seria a única deusa a ficar furiosa se esta fosse exposta. Este pequeno Skotos estava a brincar com um fogo que não podia entender.

— Portanto, só estás aqui para ser humano e experimentar o mundo? Nada mais?

— Nada mais.

Kat quase poderia aceitar, mas...

— E onde encaixa a Geary no teu plano?

— Quem diz que encaixa?

Kat riu-se quando reparou na especulação dos seus olhos cristalinos — ele estava a esconder alguma coisa.

— Não me tomes por idiota. Não tens poderes de deus, posso senti-lo. Se os da tua raça vêm cá de vez em quando para arranjar vítimas, tu não perdes os teus poderes ao fazê-lo. Tu negociaste com os teus para estares aqui e seres humano, e ajudar a Geary. Porquê?

— Primeiro diz-me porque a Artemisa está interessada no assunto e talvez te responda.

Ele era arguto e inteligente. Tinha de reconhecer.

— Muito bem, então. Parece que nos vamos entender. Eu não me meto nos teus assuntos e tu não te metes nos meus.

— Parece-me justo.

Kat olhou para além dele, pela escotilha, vendo que se aproximavam do porto. Dentro de pouco tempo Geary teria as suas autorizações.

Kat conteve um arrepio.

— Lembra-te de uma coisa, Caçador de Sonhos. Atravessa-te no meu caminho e eu sacrifico-te pela minha missão.

Arik riu-se do fundo da garganta.

— E a isso apenas posso dizer “idem, aspas”. Não deixarei que interfiras com o que me trouxe aqui.

Kat arqueou uma sobrancelha.

— Atreves-te a ameaçar-me? Tens ideia do que aconteceu ao último homem que prejudicou uma *kori*?

Ele encolheu os ombros com indiferença.

— Não tenho medo da Artemisa. Embora agora seja humano, não o serei por muito tempo. Os meus poderes voltarão para mim em pleno. Tu e a tua senhora devem saber disso.

Ela riu-se da sua ignorância.

— Oh, Arik, a Artemisa será o último dos teus problemas se chegares a encontrar a Atlântida. Há poderes tão profundos e obscuros enterrados com esse continente que Zeus parecerá pequeno. Eu só sou uma gota de água no grande plano do problema. Tens muito mais a temer do que a mim ou à minha senhora-deusa. E com este agradável lembrete, deixo-te com apenas uma advertência mais.

— Qual?

— As coisas nunca são o que parecem. A Atlântida e o que aconteceu lá foi a ruína de muitos deuses e de muitos panteões. Como sabes, os deuses raramente estão de acordo, mas neste tema estão absolutamente unidos. Farias melhor em partir daqui quando atracarmos, e procurar uma nova companheira para os teus sonhos.

— Então estás a mentir à Megeara a respeito da tua presença aqui. Finges ajudá-la enquanto lhe colocas impedimentos. Que nobre da tua parte.

— E tu estás aqui para a seduzir e fazer o quê? Matá-la? É esse o teu plano?

Arik desviou os olhos e a ela não escapou a dor fugaz que lhe obscureceu o olhar antes que a ocultasse.

— Importam-te os meus intentos, quando já tens planos para a matar?

Kat ficou furiosa com aquelas palavras.

— Eu nunca matei nenhum humano. Não sou assim tão fria. Ora, até tentei salvar o pai dela e é por ele que a estou a vigiar agora, em vez de permitir que outra *kori* ocupe o meu lugar. Eu não quero que morra. Ela é uma mulher muito decente. Assim, repito: afasta-te.

— E se não puder?

— Então tu e eu estamos em guerra.

— Infelizmente, mas posso aceitá-lo. — Moveu-se até ficar diante dela e ela odiou o facto de ter de levantar o olhar para o fitar. O objetivo dele era esse, mas precisaria de mais para a intimidar. — Sai do meu caminho, Katra. Para o teu próprio bem.

Muito bem, então. Ao menos agora ela conhecia o que estava em jogo. Só precisava de visitar a amiga e fazer tudo o que pudesse para conseguir que Geary lançasse Arik borda fora o mais depressa possível. Para já era humano e não poderia brincar com os pensamentos e emoções de Geary, o que era uma bênção.

— Oh, não te preocupes. Tenciono ser o espinho no teu pé até ficares louco. Podes conseguir seduzir a Geary, mas não vais magoá-la. Não enquanto por aqui andar.

Arik tinha aberto a boca para responder ao comentário quando ouviu que a porta começava a abrir-se. Voltou a cabeça para ver Thia a observá-los como se suspeitasse de algum segredo.

— Interrompo? — perguntou ela num tom sarcástico.

Kat negou com a cabeça.

— Estava de saída. — Dedicou um olhar glacial a Arik. — Lembra-te do que te disse.

— Idem, aspas.

Uma nova chama de fúria ardeu no seu olhar antes de passar por Thia e sair, deixando-os sozinhos. Arik não se moveu enquanto considerava os eventos recentes. Portanto, Megeara tinha uma das *koris* de Artemisa como protetora. . .

Isso complicava de facto, mas não o dissuadia de maneira alguma. Ele desejava experimentar Megeara completamente como homem. E nada, nem sequer Zeus, ia detê-lo.

Agora só tinha de obter a cooperação de Megeara.

Capítulo

SEIS

GEARY não se tinha aproximado de Arik desde que o tinha deixado. Não sabia se devia acreditar nele ou não, e até saber mais informações, tentava ser tão reservada quanto possível no que a ele respeitava.

Tinham acabado de atracar e Geary estava a arrumar algumas coisas para a sua viagem à cidade. Levantou o olhar da mesa quando Tory irrompeu no camarote.

— Caraças, Geary, tens de ver isto!

Franzindo o sobrolho, pousou o bloco de notas e seguiu Tory até ao convés. Geary olhou à sua volta mas não conseguiu encontrar nada que pudesse ter entusiasmado tanto Tory. Nada parecia diferente. Christof e Althea estavam a fazer o inventário enquanto dois marinheiros verificavam a linha. Thia estava deitada no convés em biquíni, a apanhar sol.

— O que se passa?

Tory apontou para a costa.

Geary seguiu o dedo de Tory. E assim que viu o que Tory indicava, ficou de queixo caído.

Mas que cena incrível.

No fim da doca havia um Rolls-Royce branco ladeado por um condutor vestido com todos os paramentos da profissão, com as mãos enluvasadas cruzadas diante do corpo.

Mas essa não era a parte mais impressionante. Nem por sombras.

O que a fez ficar boquiaberta foi o pedaço de mau caminho no cais, que se dirigia a passadas largas para eles.

Com cabelo escuro até os ombros, o homem tinha uma passada incredivelmente sensual. Uma passada que assinalava uma crua determinação e extrema confiança. Vestia um fato de linho branco com uma camisa azul-clara meio desapertada, que mostrava a promessa de um corpo muito bem definido. Se fosse outro homem qualquer, aquele conjunto teria provocado algumas questões sobre as suas preferências sexuais, mas aquele não deixava dúvidas. Ele era todo homem e letal.

Um par de óculos de sol Versace escondia-lhe os olhos, que a Geary pareciam estar concentrados nela.

Tory pigarreou.

— Vou arriscar e dizer que é irmão do Arik. E tu, o que achas?

Sim, também seria o seu palpite. Ambos possuíam o mesmo arrogante caminhar — como se o mundo fosse o seu palco e eles os únicos atores na cidade capazes de representar nele.

Sem dizer uma palavra a Tory, Geary deu um passo em frente para conhecer o homem em causa.

Ele deteve-se diante dela com um pequeno sorriso nos lábios antes de tirar os óculos de sol num movimento rápido. Geary fraquejou quando viu os mesmos olhos increditáveis de Arik. Seguiu-se um sorriso com covinhas que lhe acelerou o coração.

— *Kyrios* Catranides?

Solin estendeu a mão.

— Deve ser a Megeara. Prazer em conhecê-la.

Geary apertou-lhe a mão, mas antes que pudesse retirá-la, ele levou-a aos lábios e depositou um beijo muito romântico nos dedos. A mão dela formigou com a sensação dos lábios dele na sua pele.

— É um prazer conhecê-lo também.

Solin libertou a mão dela e o sorriso nos seus lábios desapareceu. Agora olhava para além dela.

Geary voltou a cabeça e viu que Arik aguardava. Observava o irmão em silêncio e com frieza. Tão frio que quase inflamava. Era evidente que não havia qualquer afeto entre aqueles dois. Pareciam dois soldados inimigos a medir-se antes da batalha.

— Arik — cumprimentou Solin numa profunda voz de barítono. — Há *muito* tempo que não nos víamos.

Arik inclinou a cabeça num cumprimento.

— Sim, efetivamente. Espero que tenhas passado bem.

Solin riu-se.

— Isso depende de quem o pergunta. *Bem* tem uma grande variedade de significados. Mas estou em forma para causar problemas. E que mais pode alguém esperar da vida, não é assim?

— É só isso que espero da tua vida.

Solin não gostou do comentário.

— E no entanto aqui estás, a pedir-me ajuda. Chama-me louco, mas seria de esperar outra simpatia.

— Seria?

Solin pareceu aceitar o desafio do irmão ao voltar-se para Geary.

— Então, conte-me, minha encantadora senhora, como foi encontrar o meu irmão rebelde?

Geary olhou para Arik por cima do ombro e viu que ele a observava.

— A flutuar no mar, mas ainda não me disse como foi lá pagar.

— Conhecendo o Arik, o mais certo é ter irritado alguém que o atirou à água, na esperança de que se afogasse.

— Acho que me lançaram com a esperança de que caísse em cima de alguém. Infelizmente, nada muito rápido.

Geary teve de conter uma gargalhada perante o inesperado comentário de Arik. Tinha um sentido de humor muito acutilante.

— Bem, um ponto para ti. — Solin voltou a colocar os óculos de sol. — Tenho as autorizações à espera, mas como favor ao Stefan, não devemos detê-lo até tarde no escritório porque pode mudar de ideias.

Geary praticamente saltou para a frente.

— É bom que não mude.

Quando se dirigiam para a doca, Thia aproximou-se a correr... ainda de biquíni. A parte de cima mal escondia os atributos da mulher.

— Posso ir convosco?

Geary reparou no olhar que Solin lançou à sua prima, de aparência desalinhada que parecia simultaneamente sedutora e ingénua.

— Acho melhor ficares aqui, Thia.

Cruzando os braços sobre o peito, gesto que só enfatizava o tamanho do referido peito, Thia amouu. Mas a reação nada fez para mudar a visão de Geary. Pelo contrário, pareceu ficar ainda mais convicta da decisão. A última coisa de que precisavam era que Thia se envolvesse com um *playboy* bilionário.

Antes que Geary pudesse urgir os homens para o carro, Solin aproximou-se de Thia com o seu andar sensual. Fez-lhe uma vénia antes de lhe pegar na mão e depositar um beijo intenso.

— Não te inquietes, querida. Em breve estaremos de volta.

Thia adorou a atenção. Pelo menos até Arik limpar a garganta.

— Não é demasiado jovem para ti?

Solin riu-se profunda e diabolicamente. Olhou para Geary por um instante antes de libertar a mão de Thia e dirigiu-se para o carro.

— O que foi isto? — perguntou Geary a Arik enquanto seguiam o irmão.

— A ideia dele de uma piada. O meu irmão é um pouco maluco. Terás de lhe perdoar. Dizem-me que tem o intelecto de um menino de dez anos.

Solin riu-se.

— E ainda assim aspiras a chegar ao meu nível. Ena, Arik. Quer isso dizer que a tua inteligência é a de um bebé?

Em vez de se zangar, Arik limitou-se a olhar para o seu irmão.

— Talvez. Afinal de contas, os bebés e eu temos uma coisa em comum.

— Que é...

O olhar do Arik concentrou-se nos seios de Geary.

— Acho que podes imaginar. Ou não. Afinal de contas, só funcionas ao nível de um menino de dez anos.

Geary nunca se tinha sentido tão excitada, divertida e altamente ofendida ao mesmo tempo. Que estranha combinação.

— Podemos mudar de assunto?

Solin deteve-se diante do carro esperando que o motorista lhe abrisse a porta.

— Sim, mudemos.

Os homens deixaram-na entrar primeiro. Arik seguiu-a e, depois, Solin. Sentou-se à frente deles, e apesar de Geary não poder ver os seus olhos, sabia que estavam fixados nela.

Quando falou, o tom era sério.

— Portanto, está à procura da Atlântida. Que busca tão estranha para uma mulher tão bela.

Ao contrário de Thia, Geary não tencionava cair na adulação.

— Exagera, senhor. Não sou nada bela.

— Não é verdade. Todas as mulheres são belas e uma mulher como você... Aposto que há homens capazes de vender a alma para só estar perto de si.

Ela riu-se baixo.

— Deveria vender banha da cobra. Dizem que é altamente proveitoso.

— Sim, mas já fiz a minha fortuna noutros negócios.

— Como, por exemplo?

— Viagra — respondeu Arik secamente. — O meu irmão aprendeu a lucrar de um problema pessoal.

— É verdade — concordou Solin com um enorme suspiro. — Custava-me ver um homem tão jovem como o Arik tolhido pela impotência.

Tinha de fazer alguma coisa para ajudar aquela pobre alma. Mas não há nada a fazer por ele. É flácido como um fio de esparguete cozido.

Geary teve de cobrir a boca para conter a gargalhada. Mas Arik não demorou a replicar.

— Que criativo da tua parte projetares os teus problemas em mim. Mas dizem que o celibato é suficiente para levar um homem à loucura. Parece que és a prova viva disso, não?

— Vocês vão discutir assim o resto da viagem? — quis saber Geary. — Talvez devesse sentar-me à frente com o condutor e deixar-vos à vontade para se baterem e resolverem isto como adolescentes.

Solin respondeu-lhe com um sorriso meio divertido.

— Não é necessário. Acho que podemos acordar uma trégua... por si, pelo menos.

— Hmm... interrogo-me por que motivo está a ser tão amável com o Arik e comigo quando é evidente que vocês não se dão muito bem.

Solin encolheu os ombros.

— Somos gregos. Família é família aconteça o que acontecer, e nós cuidamos sempre dos nossos. Não é assim, Arik?

— Sim... em vários sentidos.

Naquele momento, Geary desistiu. Havia algo de muito estranho a respeito daqueles dois. Talvez fosse louca por estar ali com eles.

Tremeu de medo. Estaria mesmo louca? Tinha saltado para dentro do carro tão depressa...

Oh, Deus.

Não conhecia aqueles tipos de lado nenhum. Ficara tão entusiasmada que nem se permitiu ser desconfiada, como era seu apanágio.

— Tudo bem? — perguntou Arik.

— Tudo — respondeu ela, tentando acalmar-se. Mas era difícil quando a sua imaginação se ocupava já com imagens deles a violarem-na e a matarem-na.

Solin tirou os óculos de sol.

— Parece um pouco pálida. Não pensa que vamos raptá-la para fazermos o que quisermos de si, pois não, doutora?

— Não — respondeu ela odiando o ligeiro tremor na sua voz. A única coisa que a consolava era que Brian conhecia Solin e a tripulação tinha visto o carro dele. E todos sabiam que se dirigiam ao gabinete de autorizações. — Porque pensaria tal coisa? Afinal, conheço-vos há quanto tempo? Uns quinze minutos. Talvez o Arik tenha o hábito de mergulhar no oceano para atrair uma mulher ingénua para a sua limusine.

Solin lançou um olhar divertido a Arik.

— É assim que trabalhas, irmão?

— Não. Ao contrário de algumas pessoas que conheço, não gosto de assustar mulheres. Acho-o cansativo. — Arik virou-se no assento para a fitar com total sinceridade. — Não estou aqui para te violar, Megeara. Disse-te que estavas a salvo e é verdade.

Sem saber porquê, Geary acreditava nele.

— Desculpa. Tem sido uma semana complicada para mim. Tudo parece ter-se voltado contra mim e também tive demasiadas deceções.

Solin arqueou uma sobrancelha.

Arik olhou para o irmão quando ouviu a voz deste na sua cabeça.

— *Dececionaste-a? E és tu um Erotikos Skotos.*

Ele semicerrou os olhos.

— *Não fui eu, Solin. Ela tem sofrido às mãos dos teus oficiais que não a deixavam escavar.*

— *Hum, curioso, sempre que me dedico a uma humana, ela está demasiado ocupada a tentar voltar a ver-me nos seus sonhos para se preocupar com buscas tão inócuas.*

— *A Megeara é diferente.*

Pela expressão de Solin, Arik percebia que o seu irmão não acreditava nele.

— *Então, como te parece o mundo humano? Já cá tinhas estado?*

— *Não.*

Solin arqueou uma sobrancelha.

— *Estás maravilhado?*

— *Nem por isso. Em parte é muito confuso. É muito diferente dos sonhos.*

Solin sorriu.

— *Não imaginas quanto.*

Megeara voltou-se para Arik.

— Então, porque é tão importante para ti a Atlântida? Se podias obter as autorizações com esta facilidade, porque não o fizeste?

Arik odiava ter de lhe mentir, mas se não lhe dava algumas respostas plausíveis, temerosa como era, fugiria e nunca deixaria que se aproximasse dela outra vez.

— Não sabia onde escavar. Toda a minha investigação deu em nada. Só quando falei com o Spiro no outro dia e ele referiu o teu nome é que tive uma ideia.

— Spiro?

— Gavrilopoulos. Recusou-te há algumas semanas. — E por sorte ela tinha mencionado o acontecimento e o nome do homem a Arik nos seus sonhos. — Procurei-te desde então para falarmos das tuas descobertas. Ele disse que tinhas dado muita ênfase ao lugar onde querias escavar.

Ela reclinou-se no assento com uma expressão zangada.

— Então conheces o sacaninha.
— Sacaninha? — repetiu Solin com curiosidade.
— Hmm... riu-se tanto da minha petição que pensei que ia ter um ataque e morrer de riso.

Arik tentou aplacá-la.

— Ele pode ser um pouco cruel.

— Cruel, nada. Foi absolutamente brutal.

— Bom — respondeu Solin num tom arrastado. — A sua sorte está prestes a mudar.

Geary queria acreditar que sim. Precisava de um pouco de sorte na vida. E se não fosse boa, que ao menos fosse medíocre.

Precisando de se abstrair dessa linha de pensamento, Geary olhou para Arik. Ele não parecia do tipo de se interessar por Antropologia. Tanto ele como Solin pareciam demasiado egocêntricos para pensarem no passado ou no futuro. Pareciam mais do estilo de *eu quero e quero agora*.

— Então, porque te cativa tanto a Atlântida? — perguntou ela a Arik.
— Como sabias o que era o meu pendente?

Os olhos de Arik cintilaram divertidos.

— Nunca fazes uma pergunta só?

— Lamento. É o professor que há em mim. Uma pergunta leva sempre a outra, e como não gosto de perder tempo, normalmente faço as duas e depois procuro a resposta. E por falar nisso, ainda não respondeste às minhas duas últimas perguntas.

— Sim, Arik — disse Solin com um sorriso na sua voz. — Porque estás tão fascinado com a Atlântida?

Arik lançou um olhar de aviso ao irmão que ela não podia nem queria compreender. Porque o incomodariam aquelas perguntas?

— Sempre me intrigou o desconhecido — respondeu Arik, voltando-se para olhar para ela. — Dizem que a Atlântida é um mito, mas eu sei que não. Acredito que ela existe. — Procurou o olhar de Solin. — Aliás, acredito que os deuses ainda caminham entre nós, aqui e agora.

Solin troçou da conjetura de Arik.

Geary franziu o sobrolho. Depois da forma como tinham troçado do pai quando tinha razão, jamais troçaria das crenças de outra pessoa. Custava-lhe ver Solin ser tão cruel.

— Ainda não me explicaste como sabias o que era o meu pendente.

— Conheço um homem que usa um medalhão parecido. Foi ele que me contou a história da Atlântida.

Geary ficou boquiaberta perante a revelação de Arik. Alguém tinha encontrado outro medalhão?

— A sério?

Ele assentiu. Geary estava intrigada com a possibilidade.

— É grego? Como o conhecestes? Posso conhecê-lo? Adoraria saber onde encontrou o pendente dele.

Arik sacudiu a cabeça.

— Lá vem o interrogatório.

— O tempo voa e preciso de respostas.

Arik compadeceu-se dela.

— Sim, é grego, e conheci-o quando era muito jovem. Infelizmente já não fala muito da Atlântida. Acho que há algo a respeito do tema que o aflige.

— Nem imaginas quanto — comentou Solin com uma gargalhada.

— Acheron matava-te se te ouvisse falar dele dessa maneira.

Arik deu um pontapé na perna do irmão antes de voltar a sua atenção para Geary.

— Mas já chega de falarmos de mim. Porque mudaste de ideias sobre encontrá-la?

— Pelo meu pai. Prometi-lhe quando morreu que a encontraria.

— Foi simpático da tua parte.

Geary desviou o olhar, comovida. Se ao menos tivesse sido mais *simpática* para ele quando ainda estava vivo.

Solin deixou escapar um longo suspiro como se as emoções de Geary o incomodassem também.

— Vamos então chorar todos, sim? — Esticou-se e pressionou o botão do comunicador para chamar o motorista.

— Sim, senhor?

— George, para em algum lado e arranja-nos atizadores em brasas para arrancarmos os olhos. E, já agora, talvez um pouco de sal para as nossas feridas também.

— Muito bem, senhor — respondeu o motorista num tom seco. E logo acrescentou: — Há algum lugar onde prefira ir? Ouvi dizer que o mercado é um bom sítio para os atizadores. Isto se não se importar com um pequeno desvio.

Solin pareceu ponderar na sugestão.

— O que vos parece? Serve qualquer atizador ou querem um de qualidade? Oh, que tolice, porque não usamos colheres enferrujadas? Ainda dói mais.

Geary abanou a cabeça.

— É um homem doente.

Solin arqueou uma sobrancelha.

— Está a querer recusar a minha oferta?

— Se calhar sou louca, mas sim. Acho que vou passar.

— Muito bem. Obrigado, George. Parece que vamos dispensar os atidores.

— Muito bem, senhor. E o sal?

Uma vez mais, Solin pareceu pensar a sério no assunto, antes de responder.

— Não, acho que estamos bem por agora.

Geary deixou escapar uma gargalhada nervosa quando voltou a olhar para ambos. Aqueles dois eram tão estranhos. E tinham o sentido de humor mais sardónico que alguma vez tinha testemunhado.

— Vocês devem ter-se divertido muito na infância. Os vossos pais devem ter passado horrores.

Solin desatou a rir-se.

— Oh, nem imagina.

— Sinto-me como se estivesse fora de uma piada privada.

— Ignora o Solin — comentou Arik suavemente. — Disse-te que era louco.

— Sim, mas ensinei o Arik muito bem. Não é assim, irmão?

Geary não perdeu o ligeiro brilho de raiva no olhar de Arik. Era subtil, mas inequívoco.

O carro abrandou e virou numa esquina que Geary conhecia melhor do que a rua onde morava. Tinha percorrido aquele caminho tantas vezes nos últimos cinco anos que podia repeti-lo de olhos vendados.

Estavam prestes a chegar.

Uma onda de frustração voltou a abater-se no seu peito quando o motorista estacionou no mesmo local onde o táxi a tinha deixado nesse mesmo dia, de manhã.

Isto está a ficar cada vez melhor.

O motorista abriu a porta e deixou-a sair para o passeio. Arik seguiu-a e depois Solin saiu do carro com uma graça masculina. Várias mulheres de passagem praticamente desmaiaram.

— Saudações, meus amores — cumprimentou Solin namoriscando-as com um sedutor sorriso.

Elas sussurraram entre si e continuaram o seu caminho, voltando-se continuamente para olhar para ele.

Arik lançou um olhar trocista a Geary.

— É estranho como as mulheres não conseguem deixar de olhar para uma desgraça com pernas, não é?

Solin revirou os olhos ao comentário de Arik.

— Tu lá sabes.

— Certo. Eu nunca fui uma desgraça com pernas. Simplesmente admiro a forma como te perdes.

Quando chegaram ao edifício governamental, um guarda de uniforme abriu a porta para os deixar entrar.

Geary ia a subir as escadas, mas Solin travou-a.

— Não vamos subir com as pessoas comuns. O nosso homem está para este lado.

Geary franziu o sobrolho olhando para Arik antes de seguir Solin para o interior de um elegante escritório adornado com antiguidades gregas. A antropóloga ficou instantaneamente fascinada com a jarra negra perfeitamente preservada dentro de uma caixa de acrílico. Nunca tinha visto uma peça naquelas condições. Era absolutamente maravilhosa.

Passou a mão pelo expositor enquanto observava a peça com um temor reverencial.

— É do século I.

Sentiu Arik aproximar-se dela.

— A batalha de Troia. Podes ver Aquiles a arrastar Heitor à volta das muralhas.

Geary assentiu quando os viu.

— Está impecável.

— E por isso está na vitrina.

Voltou-se quando ouviu a voz perturbada e divisou um corpulento cavalheiro de sessenta e poucos anos. Tinha-o visto ali uma ou duas vezes nas suas visitas anteriores, mas não conhecia o seu nome nem posto.

O homem balançava o corpo suavemente enquanto a avaliava.

— Suponho que seja a Dra. Kafieri.

— Sim.

Ele semicerrrou os olhos num olhar que denunciava a pouca importância que lhe dava, antes de libertar um longo suspiro.

— Espero que não se esqueça deste favor.

— Acredite que não.

O homem corpulento assentiu curtamente e convidou-os para um pequeno escritório com uma mesa negra enterrada em papéis.

O coração de Geary parou por um segundo quando viu aquilo que tanto desejava.

As autorizações.

Queria correr para elas, arrebata-las e apertá-las contra o peito. Mas sem uma assinatura e carimbo, eram inúteis. Ainda assim, era o mais perto que tinha estado de uma. Susteve a respiração ansiosamente.

Sem uma palavra, o homem recolheu as autorizações como se não significassem nada para ela e sentou-se atrás da secretária antes de as assinar e carimbar.

Geary pegou nas autorizações sem pensar, mas ele afastou-as. Voltou a semicerrar os seus olhos penetrantes sobre ela.

— Entende que qualquer artefacto que encontre é propriedade da Grécia? Conto com relatórios completos semanalmente, junto com qualquer coisa que encontre.

— Entendo.

O homem segurou os papéis por algum tempo até finalmente lhos entregar.

A mão de Geary tremeu literalmente quando tocou nas autorizações. Só queria chorar. Nunca tinha estado tão perto de cumprir a promessa desde que Cosmo lhe entregara os pertences do seu pai.

— Obrigada — disse ela, com a voz abalada pelas turbulentas emoções que lhe agitavam o interior.

— Não me agradeça, Dra. Kafieri. Apenas respeite a palavra que me deu e o favor que lhe fiz hoje. Se me arrepender deste momento, asseguro-lhe que o que sinto será uma ninharia comparado com o que a farei passar.

— Entendo, senhor. Acredite que não se arrependerá disto.

— Então certifique-se disso.

Assentindo, Geary segurou as autorizações contra o peito e voltou-se para Arik com um ténue sorriso.

Arik não podia respirar, acometido por estranhas emoções. Os olhos dela estavam inundados de lágrimas por derramar, mas era a gratidão neles que mais o comovia. Ele nunca tinha sentido nada igual. O prazer dela era tão grande que Arik podia senti-lo.

— Obrigada — sussurrou ela.

Tudo o que Arik podia fazer era assentir com a cabeça enquanto lutava para entender aquelas estranhas emoções no seu interior e que não tinham qualquer sentido. A garganta estava apertada. O coração pulsava com rapidez. Queria rir e chorar e não sabia porquê. Nunca tinha conhecido tamanha confusão. Por isso Hades odiava as emoções.

Eram avassaladoras.

Solin inclinou a cabeça em direção à porta.

— Porque não vão indo para o carro? Saio já.

Arik abriu a porta a Megeara. Assim que a fechou, Geary voltou-se para ele com uma gargalhada vertiginosa. Abraçou-o e beijou-o na face enquanto saltava para cima e para baixo contra ele.

Arik sentiu-se em chamas quando os seios dela se pressionaram contra o seu peito e aqueles lábios suaves lhe acariciaram a pele antes de se afastar.

— Não tenho como te agradecer. — Deixou escapar um estranho ruído antes de girar à sua volta. — Oh, meu Deus, não posso acreditar. Não

posso acreditar que obtive finalmente as minhas autorizações! E legais! E não tive de matar ninguém para as conseguir

Geary deixou escapar um estranho guincho e abraçou-o outra vez. Incapaz de controlar o ataque ao seu próprio corpo, Arik puxou-a para si e beijou-a.

Geary derreteu-se no toque dos lábios de Arik. Estava tão extasiada e feliz, que teria feito qualquer coisa por ele naquele momento. Qualquer coisa!

Ou assim pensava ela.

Quando ele começou a levantar a bainha do vestido dela, ela afastou-se com um gritinho indignado. A sua alegria parecia ter sido substituída pela raiva.

— O que pensas que estás a fazer?

Arik parecia completamente perdido.

— Pensei...

— Que quê? Que podias levantar o meu vestido e comer-me num corredor aberto? Estás louco?

Solin parou na soleira da porta quando ouviu as palavras dela.

— Perdi alguma coisa?

Geary voltou-se para ele.

— O seu irmão é um idiota chapado. Levantou-me o vestido. Aqui. Em público.

E Arik continuava confuso com tanta raiva.

Irritada com ambos, Geary deu meia-volta e seguiu para o carro. Solin olhou para Arik boquiaberto.

— O que fizeste?

Arik levantou as mãos com frustração.

— Ela beijou-me. Fiquei excitado e então...

— Não me digas — respondeu Solin, interrompendo-o. — Arik, mas tu és parvo? Podias ter-nos exposto a todos.

Arik sentiu-se enraivecido com o insulto.

— Foi o que fizemos quando ela obteve as autorizações nos seus sonhos. Ela gostava da forma como a tocava.

— Sim. *Nos sonhos*. Isto não é um sonho. Estás no mundo humano e as pessoas não se permitem o mesmo aqui. Agora, irmão, entendes porque me aventuro no mundo dos sonhos. Há certos rituais e comportamentos que tens de praticar neste mundo. Não basta olhares para uma mulher e saltar-lhe em cima. Maldição. Tens sorte por não te ter dado uma bofetada ou chamado a polícia.

Arik passou a mão pelo cabelo quando entendeu a fúria dela, mas isso não ajudava a apagar o fogo no meio das pernas.

— Eu vim cá para estar com ela.

— E se continuares assim, passarás o tempo todo atrás das grades.
Caramba, Arik.

— Disse-te que precisava da tua ajuda.

Solin cerrou os dentes. Não estava na sua natureza ajudar ninguém. Ao contrário de Arik, não era completamente um deus. Tinha sido atirado para o mundo dos homens e tinham-no deixado ali para sofrer enquanto os da sua espécie viviam no Olimpo ou na Ilha Desaparecida, longe do preconceito e do temor dos humanos. E como isso não bastasse, os mesmos deuses tinham vindo atrás dele para o castigar por um defeito de nascimento que ele nunca tinha querido. Ele mal tinha sobrevivido aos seus implacáveis ataques.

Agora um deles esperava que lhe oferecesse uma ajuda que nunca lhe tinha sido concedida. Era quase suficiente para o fazer rir.

Ele não sabia sequer porque tinha ido ali. A ameaça de Arik de invadir os seus sonhos não significava nada para um homem que tinha tido assassinos atrás de si nesse reino. Conquistara uma reputação de crueldade e estava orgulhoso dela.

Mas em tantos séculos nunca tinha ouvido falar de um deus que trocasse a sua divindade para se tornar humano. Os únicos deuses naquele plano tinham sido amaldiçoados ou despojados dos seus poderes. Nenhum vivia naquele reino voluntariamente.

Nenhum. Exceto Arik.

— Porque estás aqui? Realmente?

Arik afastou o olhar sem responder.

— Responde à minha pergunta ou vou-me embora.

Solin viu a angústia no olhar de Arik antes de lhe responder em voz baixa.

— Sempre foste humano. Sempre tiveste sentimentos. Não sabes o que é tê-los nos sonhos e vê-los desaparecer. A anestesia é suportável a maior parte do tempo. Mas com a Megeara...

— Ama-la?

Arik lançou-lhe um olhar zangado.

— Como posso amar alguém?

Tinha razão. O autossacrifício era um conceito totalmente alheio aos Caçadores de Sonhos.

Arik deixou escapar um suspiro.

— Eu só quero entender de onde vem a paixão dela. Por que motivo algo tão simples como beber uma limonada pode fazê-la sorrir. Porque os seus olhos se iluminam quando dança nas ondas. E porque pensar no pai a faz chorar, mesmo nos sonhos.

Solin abanou a cabeça. Ao contrário do irmão, Solin compreendia. As emoções não eram um presente. Eram a derradeira maldição dos deuses. Arik não se dava conta de que Zeus lhes tinha feito um grande favor ao despojá-los de todos os sentimentos.

Por isso Solin tinha lançado o humano sobre Arik há tanto tempo. Invejava o vazio em que os Oneroi viviam e queria que eles sofressem como ele. Queria que eles desejassem coisas que não poderiam ter.

Que soubessem o que perdiam.

Sabia que o que tinha feito tinha sido cruel. Mas o triste era que não o lamentava. Como poderia lamentá-lo? Ainda agora os Oneroi o procuravam nos seus sonhos. Nunca teria paz. Nenhuma folga. Eram todos uns sacanas, todos eles.

Contudo, perante aquele irmão que não queria reivindicar, algo estranho se manifestava no peito de Solin. Era pena. Compaixão. Duas emoções que ele tinha jurado não voltar a sentir por ninguém.

E odiava Arik por isso.

— Ajudas-me? — perguntou Arik.

Solin assentiu. Era óbvio que ajudaria Arik, mas não pelas razões que ele pensava. Solin ia fazer tudo o que estava em seu poder para deixar que Arik fosse humano. Que conhecesse a Megeara tão profundamente quanto possível, para que quando ela morresse por sua culpa, Arik entendesse verdadeiramente o que significava ser humano.

Arik ia sofrer como nenhum deus tinha sofrido.